

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 131



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

O crime do castello Saavreda



EDITOR e PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA e SOUSA
COMPRIMPA NA EMPLUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL 23, LISBOA

Encyclopedi Popular

Collecção de obras de vulgarisação

• científica ao alcance de todos •

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a descer o livro aos meios illudrados e ao gosto pelos estudos scientificos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primeira collecção, que em errada verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Esta publicação é prim. i e volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro da sciencia popularizada, a obra que inicia a serie da Encyclopedi Popular, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos êxitos.

No prelo:

Através do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
As Estrelas e os cometas, por Sicchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Intelligencia e o cerebro, por G. Marice
Magnotismo e Espiritismo, por G. Danville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Sericux
e Mathieu
A Physiologia do Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 Rs. CADA VOLUME BROCHADO E 100 Rs. NITIDAMENTE IMPRESSO

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscuidades primitivas - A Prostituição na Antiguidade	3000
Impudências de Roma Primária - Desamoralização dos Romanos	19
III Desamoralização Francesa - Tempos modernos	3000
No prelo:	
IV (o ultimo volume) Tempos modernos	3000

Um romance completo por OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

CADA VOLUME CONTEME
14:00 LINHAS
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A aposta maldita, por Jules de Gastagne.
Os Fiaes do Ouro, por Paula Rinal.
As filhas do povo, por Alexis Bouvier.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

Sensacional romance de JULIO MARY

Estes romances, seleccionados com escurupulosa attenção, compoão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS • um bom romance completo

100 maneiras de nos COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Salções liguosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
no texto

A Modern-Bibliotheca é constituída por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I - Ditoso lar, por Marcel Proust.
II - Aphrodite, por Pierre Louys.
III - Prima Laura, por Marcel Proust

500 Rs. Preço de cada volume brochado 500 Rs.

Numero 131

Lisboa, 21 de Dezembro de 1911

Anno III

O CRIME DO CASTELLO SAAVREDA

CAPITULO I

Desapparecimento mysterioso

Na varanda do estabelecimento, pousada como lhe chamam os hespanhoes, do seño Octavio Saldaña, muito frequentada pelos banhistas de Lozoya, devido á sua magnifica situação, estavam sentados dois homens, saboreando, um atraz do outro, calices de magnifico Alentejo que o estalajadeiro lhes lá servindo, á medida que elles cavaliavam os calices.

Via-se que os dois homens não eram d'aquelles sitios, tanto mais que um d'elles, o mais alto, que apparentava ter seus quarenta annos, rosto revelando intelligencia, olhar vivo e insinuante, se dirigiu em inglez ao seu companheiro, um rapaz novo, de feições energicas e rosto sympathico.

—Tenho ouvido gabar muitas vezes as bellezas d'aquelle velho castello, que se ergue altaneiramente com as suas alas e torres, desafiando o espago e tendo por fundo aquelle espesso bosque do carvalhos. Com franqueza, tanto me elevou ao contemplar tal monumento á esta admiravel serra de Guadarrama, como se estivesse nas regiões do Oriente, onde se levantam tão brancas, tão puras e tão encantadoras as obras

architecturales dos kalifas, semelhantes a obras saídas das mãos de fadas.

«A quem pertencem o castello? perguntou elle em hespanhol ao estalajadeiro, o qual olhava tambem com interesse para o castello, da porta principal do qual saíra pouco antes um velho, que de longe fazia signaes ao estalajadeiro.

—Ao marquez D. Ramon de Saavedra. Os senhores desejam visital-o?

—Realmente, desejava. Como a Alhambra, deve occultar, no seu seio muitas coisas dignas de serem vistas. Não desejo sair de Lozoya sem visitar o castello, cujas bellezas me exalçou o chefe superior da policia de Madrid e em cujas salas interiores, ao que elle me affirmou, muito ha a admirar. A visita é permitida aos touristas estrangeiros?

—Antigamente, só em rarissimos casos e, mais tarde, só na ausencia de D. Ramon de Saavedra. Mas ali vem o velho Euzebio, creado do castello, que me diz que eu, lhe poderá dar esclarecimentos a tal respeito.

Aquelle que se approximava e que fora denominado pelo nome de Euzebio, apenas subiu a escad. da varanda onde estavam os estrangeiros, encaminhou-se para o estalajadeiro, com quem travou animada e ouversação.

Pallava, porém, em voz tão alta que os q. e ali se encontravam ouviram perfeitamente do que se tratava,

—Não imagina o que hoje succedeo no castello disse elle em voz offegante. Desappareceu mysteriosamente a joven D. Ignez, de quem elle fallou ha dias. A condessa Carmella diz que ella deve ter sido rapta durante a noite e está inconsolavel, devendo concordar em que é natural a sua dor, pois essa joven, que tão mysteriosamente appareceu no castello e cuja familia e origem só a senhora condessa sabia, produziu em todos a mais favoravel impressão.

Os dois estrangeiros comprehendiam o que se dizia, apesar de dito em hespanhol cerrado, e hespanhol que se fallava nas cercanias de Madrid.

O que aquelle homem dizia aguçou-lhe a curiosidade, escutando por isso religiosamente o velho.

O estalajadeiro foi buscar um copo e enchou-o de vinho e offereceu-o ao narrador, e qual, depois de o enviar d'um trago, proseguiu, em voz já menos cansada:

—D. Ignez tem sido procurada por todo o castello de Santo Isidro, não esquecendo o parque e os jardins, mas em parte alguma foi encontrado o mais leve vestigio da sua passagem. Quer-me parecer que a sr.^a condessa tem razão em se assustar, pois pensa que a joven foi assassinada.

—O sr. marquez já sabe o que succedeu? perguntou o estalajadeiro.

O ancão accouso negativamente com a cabeça, respondendo:

—Esperamolo o hoje de regresso de Madrid, mas que poderá elle fazer? Ha quasi um anno que está muito mudado e raras vezes se digna sequer olhar para algum, a não ser para sua irmã a sr.^a condessa.

—Sim, é verdade, sr. Euzebio, retorquiu o estalajadeiro, ao mesmo tempo que lhe enchia de novo o copo, já não é o mesmo fidalgo alegre e satisfeito d'outros tempos. Causa-me até certa admiração que o marquez de Saavedra, actualmente tão taciturno e sombrio, ainda tenha predilecção pelos seus antigos divertimentos. Soube ante-hontem que vai tomar parte, na proxima semana, nas corridas das festas de Santo Isidro.

—É verdade, disse Euzebio. A paixão pelas corridas de cavallos é superior á sua tristeza e domina-o, o que não admira, pois foi o mais celebre cavalleiro de Hespanha.

—A noticia de D. Ramon tomar parte na corrida corre por toda a cidade de Madrid, tendo o *Heraldo* publicado a tal respeito diversos artigos. Falla-se n'este momento na capital mais no marquez do que nos dois saltadores, os irmãos Mariano e Affonso Trancos, que, como sabe, conseguiram fugir da prisão, apesar d'os condemnados por toda a vida.

—Pattifol exclamou, trado o velho Euzebio. Ainda ha pouco conseguiram evadir-se e já commetteram grande numero de crimes. O roubo do banco de Madrid,

em que muitos negociantes perderam todos seus haveres foi obra unica e exclusiva d'elles.

—Queves Harry? disse em voz baixa um dos estrangeiros, o mais alto, para o companheiro. Fallam dos saltadores Trancos, na pista dos quaes ando o nosso bravo collega, o chefe superior da policia de Madrid. Não queria intervir no caso, mas os patifes commoçam a interessar-me. Além disso, o mysterio do desaparecimento d'essa tal D. Ignez, que acabamos de ouvir narrar, faz lembrar que os policia amigo amador e que viemos a este bello paiz, especialmente a Madrid e seus arredores, para encontrarmos em que exercer a nossa actividade.

—Cedi já duas instancias, meu rapaz, visto que querias presenciar aqui a corrida de touros. Por mim, desde o que me succedeu em Lisboa, não tenho vontade de vêr corridas, mas sinto-me satisfeito por ter accedido aos teus desejos.

—Quer ouvir o velho creado immediatamente, sr. Holmes? perguntou Harry Taxon, porque era o ajudante do celebre criminalista ingles que alli estava em companhia do mestre, errante do calice do delicioso vinho que tinha na sua frente. Talvez elle possa facilitar-nos o ingresso no castello. O marquez ausenta-se muitas vez, e talvez o velho não tenha difficuldade em nos deixar entrar, contanto que lhe demos alguma coisa.

—Muito bem, Harry, disse Sherlock Holmes, vamos tentar o que dizes. Reuniremos assim o útil ao agradável. Lancaremos um olhar para os compartimentos interiores do castello e talvez possamos surprehender os seus mais occultos segredos.

Levantou-se e dirigindo-se para a mesa a que estavam abandonados o estalajadeiro e Euzebio, pediu a este que lhe facilitasse a entrada no castello, depois do, furtivamente, lhe ter mettido na mão uma moeda de ouro.

O velho creado ergueu-se e respondeu:

—Si por mim, meus senhores, não posso conceder-lhes essa licença, mas não creio que a condessa Carmella, minha ama, senhora muito bondosa, lhes recuse a entrada, apesar de ser difficil fallar-lhe hoje por causa d'um caso extraordinario que os deu no castello a noite passada.

—Sei ao que se refere, replicou Sherlock Holmes, pois ouvimos perfeitamente a sua conversa com o sr. Salizano. Creio que uma ama nos permitirá a visita quando souber que somos capazes de descobrir o crime de que foi victima essa senhora.

O velho creado olhou, admirado, para o celebre criminalista. Parecia ter o presentimento de estar em presenca d'um homem extraordinario. Inclinou-se respectuosamente, dizendo:

—Vou apresental-o immediatamente á sr.^a condessa.

Sherlock Holmes, acompanhado de Harry dirigiu-se para o castello, guiado pelo velho Euzebio. Minutos depois tinham chegado ao vestibulo, d'onde partia uma escada de madeira com embutidos riquissimos e muito antigos, em direcção ao andar superior. Era uma obra de grande valor, que deserto lhos teria despertado a attenção, se não estivessem ansiosos por fallar á condessa.

Foram finalmente levados á sua presenca, mostrando elle pouca satisfação em receber a visita do estrangeiro. O semblante illuminou-se-lhe logo que Sherlock Holmes declinou o seu nome e profissão.

—Considero um verdadeiro dom de Deus o terem os senhores aqui apparecido. Apesar de não gostar,

que Euzebio lhas falasse no que occorreu a noite passada, sinto-me feliz por fallar ao mais celebre criminalista dos tempos modernos, que se digna tomar a peito a solução d'este enigma. Ia agora mesmo avisar telephonicamente D. Antonio Cullis, o chefe da policia madrileña.

—Euzebio disse que essa senhora foi rapta de noite, redarguiu Sherlock Holmes, mas, habitualmente, não confio no que dizem os creados. Por isso sr.^a condessa, peço-lhe o obsequio de me dizer tudo que sabe, a fim de eu começar as minhas investigações. Elucide-me, não me occultando coisa alguma e dizendo apenas a verdade. Qual o motivo por que foi rapta a joven? Não teria sido que voluntariamente abandonasse o castello?

—Não, não! Ignez não sairia por sua livre vontade do castello, exclamou a condessa com vivacidade. Levaram-na á força.

—O que quer dizer e porque é que afirma que é violentamente é que ella d'aqui saia?

—Ignez não despreciaria assim o amor que lhe tenho, desaparecendo occultamente. Além d'isso, a desordem que se nota no seu quarto leva-me a concluir por um rapto. Subiram á janella e foi por ali que a levaram.

—Subiram? A quem se refere a sr.^a condessa?

—A's pessoas que a raptaam. Ouvi vozes de homens no quarto d'ella.

—A que horas? Póde dizer-me com precisão?

—Devia ser da meia noite para uma hora. Acordei ao ruído que faziam.

—O seu gabinete de toilette era contiguo ao quarto da sua filha? Supponho que a desaparecida desapparecia essas funcções junto da sr.^a condessa.

—Sim, senhor. Os meus aposentos são contiguos aos d'ella, e os seus aposentos deitam para o parque.

—A sr.^a condessa accordou antio ao ouvir vozes no quarto d'ella?

—Sim. A principio suppoz que ella estava conversando com Euzebio ou outro qualquer creado, apesar de me causar estranheza a taes horas, e parecon-

do-me que eram estranhos que estavam no quarto de Ignez senti um certo terror. Levantei-me, abri a porta do meu quarto, para saber o que se passava.

—Tudo estava sosegado. Com o coração oppresso, esperi durante um momento que o ruído de vozes se repetisse, depois, nada ouvindo, bati ligeiramente na porta do tocador e chamei a. Não respondeu. Só á segunda vez, elle se approximo da porta, sem contida a abrir.

—Perguntei-lhe se ali estava algum, ao que Ignez respondeu em tom indignado, que não recebia visitas a taes horas e que talvez fossem os creados, pois que ouvira atravessar o corredor e conversarem em voz baixa.

—Socegem-me tal resposta e tornei a deitar-me, passando, porém, uma noite terrivel, cortada de pezaellos e maus sonhos.

—Levantei-me cedo e fui bater á porta do quarto de Ignez. Como ninguém me respondesse chamei os creados, os quaes accorrem inquietos. Arrastada a porta, verifiquei-se que os meus presentimentos não me tinham enganado. No quarto não estava ninguém e a janella foi encontrada aberta de par em par.

Ignez deve ter sido rapta e o caminho tomado pelos qua a raptaam parece-me estar claramente indicado.

—Peço-lhe o obsequio de me acompanhar ao quarto onde o rapto foi effectuado, disse Sherlock Holmes. Chega-me a parecer impossivel que se raptaes uma mulher por tal caminho, visto que o quarto, se não me engano, fica no andar superior.

—Assim é, confirmou a condessa. Os meus aposentos e os de Ignez ficam no terceiro andar, pois n'esto vasto e solitario castello parece-me ser essa o lugar onde eu estaria mais em segurança. Nos annexos e nos primeiros andares do castello, facilmente se chegaria ás janellas por meio de escadas, apesar do mesmo se ter dado a noite passada e não obstante a altura da janella.

—Ha então alguma escada encostada á janella? perguntou o celebre criminalista.

—Sim, senhor, e ainda ali se encontra. Ignez e os seus raptadores devem ter descido por ali.

—Não preveniu o sr. D. Ramon, o irmão da sr.^a condessa, do que se passou?

—Men irmão não estava no castello, respondeu a condessa. Além d'isso, elle não sabia que Ignez estava aqui.

—É singular, volven Sherlock Holmes n'um tom em que transcendia uma tal ou qual admiração. Que razões tinha a sr.^a condessa para não fallar a seu irmão n'esta occasião?

—Desculpe-me o não responder a tal pergunta, disse a condessa, perturbada, mas em tom firme. Mais tarde, lhe revelarei, sr. Holmes, essas razões, que de-

verem ficar ocultas, mas prometti a Ignéz não atirar-se ao seu segredo.

Sherlock Holmes encolheu os hombros, acrescentando:

—D'esse modo, as investigações serão muito mais diffíceis.

E, acompanhado da condessa e de Harry, compoem a subir a ampla escada que levava ao terceiro andar.

—Uma pergunta apenas, sr.^a condessa. Onde vivia, antes do para aqui vir, essa menina?

—Nada lhe posso dizer, respondeu a condessa Carmela. Nunca pedi a Ignéz que me contasse o seu passado. Chegou aqui ha perto de dez mezes, pedindo-me para a admitir como dama de companhia, e disse-me que accedi, apesar d'ella não trazer documento algum e nada me dizer relativamente ao que lhe succedera anteriormente. Agradou-me o seu todo e de nada mais quiz saber.

—Mas que isso, Linda deveras e com um encanto que se impunha, nunca me arrependi de a ter tomado a meu serviço.

—A sr.^a condessa estava contente com ella?

—Muito. Em pouco tempo, Ignéz era a minha confidente, era para mim como que uma irmã querida e eu sentia vivamente o seu desgosto occulto, que, repito, nunca me revelou e que a fazia frequentemente derramar abundantes lagrimas.

—Ella nunca saia do castello, não recebia visitas?

—Nunca. Não precisava sair e só passava com mim pelo parque quando meu irmão não estava em casa.

Chegaram n'esse momento ao terceiro andar. Dirigiram-se para os aposentos de Ignéz, que se compoem d'um quarto de cama e d'um pequeno aposento.

Tudo ali mostrava que era uma mulher de sentimentos delicados que se habituava. Respirava-se a melhor ordem e accio. Volumes dos melhores classicos hespanhoes e francezes attestavam que ella possuia um elevado grau de cultura, sobre o marmore do fogão viam-se vasos com lindas flores.

Sherlock Holmes lançou em redor um olhar perscrutador. Via que Ignéz não chegára a deitar-se na noite anterior. Um volume aberto de Zola, um dos melhores lyricos hespanhoes, pousado no campê em frente d'uma pequena mesa onde se via um castigel em que uma vola se consumira até ao fim, indicava que Ignéz tinha lido até altas horas da noite; a mesa, empurrada para o lado, os moveis em desordem, tudo mostrava que ella tinha sido surpreendida por visitantes nocturnos e que, ao que parecia, partira de livre vontade com aquelles que haviam profanado os seus castos aposentos.

Um rasgo no reposteiro indicava, porém, que se

travára lucta entre ella e os seus raptos, lucta que devia ter sido violenta.

—E' esta a porta que dá para o gabinete de toilette da sr.^a condessa? perguntou Sherlock Holmes, apontando para uma das portas do aposento.

—Sim, senhor.

O celebre criminalista abria-a.

—Foi aqui que a sr.^a condessa esteve a noite passada?

—Sim e foi por ali que esta manhã aqui entrámos.

O facto d'ella estar fechada anteriormente parece demonstrar que se serviram de chaves falsas e não percebe por que motivo ella não abriu quando a chamai.

—Talvez estivesse tirando d'aqui alguma roupa para lavar.

E Sherlock Holmes apontava para uma commoda onde as gavetas estavam abertas.

Dirigiu-se para ali, afim de verificar o conteúdo, pois lhe haviam despertado a attenção um vestido de seda e uma grinalda de murtha que a'nada das gavetas estavam, mas não o conseguiu, porque a condessa, collocando-se rapidamente entre elle e o movel, fechou a gaveta, dizendo ao mesmo tempo:

—Aqui faltam apenas algumas insignificancias. Já passei revista a tudo.

—Sim? disse Sherlock Holmes, mal humorado por não ter procedido ao exame que queria fazer. N'esse caso, se a desaparecida levou ainda alguma coisa é porque foi rapida com consentimento seu, e em tal caso affigura-se-me desnecessario proseguirmos nas investigações, pois não posso comprehender o interesse que a sr.^a condessa toma por uma joven que abandonou voluntariamente o castello, valendo-se para isso d'uma escalada nocturna.

—Não se indigne, sr. Holmes, volvem a condessa com inquietação, mas creio que n'este movel se occulta um segredo que tenho obrigação de não revelar, nem deixar prescruir. Talvez fizesse conveniente dirigir a sua attenção para a janella e verificar assim se Ignéz foi ou não raptada violentamente.

O criminalista dirigiu-se para a janella, debruçando-se sobre o peitoril. Um olhar foi o sufficiente para lhe mostrar que não era grande a difficuldade em descer para o parque. O telhado do annexo ao castello era tão alto que um gymnasta habil podia até descer sem auxilio de escada. E com o apoio de um homem muito conseguiria o mesmo.

Do telhado do annexo para o parque descia-se por outra escada.

De subito, curvou-se um pouco mais. No telhado descobria algumas gottas de sangue. Também junto da janella se viam algumas de sangue. Não se trataria apenas de um rapto, mas sim d'um assassinio?

Olhou para os caixilhos da janella. Também ali se viam manchas do sangue.

A condessa seguiu com o olhar os movimentos do celebre criminalista. Aproximou-se d'elle. Soltou um grito de espanto quando avistou as nodosas de sangue.

—Meu Deus, exclamou ella, estremeecendo, sangue! E' sangue, não é verdade, sr. Holmes? A desventurada foi assassinada!

—Sim, 4 sangue, replicou com vivacidade Sherlock Holmes.

Ao mesmo tempo que isto dizia, fitava o olhar em Harry Taxon que via estar examinando com o maior cuidado o tapete estendido aos pés do campê.

—Encontrei alguma pista, meu rapaz?

E aproximou-se de tapete, no meio do qual Harry indicava um ponto também manchado de sangue.

—Oh! exclamou a condessa Carmela, estorecendo as mãos, a minha pobre Ignéz caiu nas garras de assassinos! O que tentaciona fazer agora, sr. Holmes?

—Vamos primeiro examinar o parque.

Debruçou-se de novo no peitoril da janella, mas retirou-se immediatamente ao ver entrar pelo portão um cavalleiro, que elle suppoz dever ser D. Ramon de Saavedra, o proprietario do castello.

CAPITULO II

Euzebio e o castellão

A suposição do criminalista de que o proprietario do castello tinha regressado converteu-se em certeza ao ouvir um grito soffocado da condessa, que se aproximára também da janella.

—Por amor de Deus, disse ella em voz angustiosa, queiram retirar-se. Meu irmão não se deve encontrar aqui visto que ha muito não permite a visita de estranhos. A suspeita de que, durante a sua ausencia, se passou alguma coisa de extraordinario, não deixaria de lhe acudir á mente e, por isso, peço-lhes que se retirem immediatamente.

—Sim, sr.^a condessa, satisfaremos esse desejo, e talvez possamos sair sem sermos vistos. Deve haver com certeza alguma saída secreta.

A condessa Carmela fez um gesto de acquiescencia e guio os dois policias aonde para uma serie de compridos corredores. Tomando depois uma escada interior, chegaram ao parque sem que ninguém os visse.

Seguindo as assombreadas alamedas, encontraram-se d'ahi a pouco em frente d'uma pequena porta aberta no muro, que dava passagem para o bosque solitario que se estendia por detrás do castello.

A condessa abria-a, dizendo:

—Até á vista, meus senhores.

E, dirigindo-se a Sherlock Holmes:

—Conto em que tomara a peito o caso do rapto e portanto queira accoitar a chave d'esta porta, por onde entrará no caso de ter alguma communicação urgente a fazer-me. Sabi onde ficam os meus aposentos e o caminho para aqui. Mas não venha nunca se não depois das nove horas da noite.

Sherlock Holmes agradeceu em poucas palavras a prova de confiança que lhe era dada e saiu, fechando a porta atrás de si. Embrenhou-se em seguida no denso bosque que se estendia na retaguarda do castello.

D'ahi a pouco, parava e voltava-se para o seu ajudante.

—Tens de voltar já ao castello, pois é preciso saber o que devemos pensar a respeito de D. Ramon Saavedra. Tenho o presentimento de que entre elle e a desaparecida ha qualquer laço. Não comprehendendo o motivo porque sua irmã lhe occultou a presença de Ignéz. Trata de vigiar o marquez e o credo e se te parecer o que quer que seja digno de nota vem communicar-m'o immediatamente. Eu vou de novo para a posada de Saldano, d'onde poderei vigiar tambem o castello. Vou-me ahi instalar e d'ahi fazer quartel general.

Muito bem, sr. Holmes, vou tratar de me despenhar o melhor possivel da tarefa de que me incumbes. Descobriremos a chave do enigma. Interessas-me deveras tão mysterioso caso. E a desaparecida, ao que diz a condessa, deve ser uma formosura.

Retrocederam. Ao chegarem junto da pequena porta, Harry abria e entrou, ao passo que Sherlock Holmes, corria com a parede de parque, se encaminhasse rapidamente para a posada.

Harry Taxon, logo que se encontrou dentro do parque, não quiz seguir o caminho que percorrera para sair, parecendo-lhe preferivel penetrar no castello por sitio differente. Parecia-lhe um tanto ou quanto perigoso voltar pelo mesmo sitio, pois facilmente poderia encontrar a condessa, o que não convinha de fôrma alguma.

Seguiu, por isso, por uma rua orlada de grandes castanheiras, tencionando penetrar no castello pelo torreão lateral cujo cupula divisava ao longe.

Apenas, porém, dera alguns passos, avistou ao longe o marquez de Saavedra acompanhado do velho creole Euzebio, o que lhe causou uma certa admiração.

Occultou-se por detrás d'uma castanheira. Os dois homens passaram por deante d'elle e desapareceram á direita.

Harry seguiu-os, tomando as maiores precauções para não ser visto, vendo que elles se dirigiam para um pavilhão que havia n'uma rua proxima. Esperou que ali entrassem e em seguida, apressadamente, di-

rigiu-se por entre a matta que d'um e d'outro lado se estendia para junto d'esse pavilhão, cujas paredes eram de tão pouca espessura que facilmente se podia ouvir o que dentro d'elle se dissesse.

Harry applicou o ouvido.

—Estou ansioso, começou o marquez, porque me digas que mysterio é este. Para que me trouxeste aqui, Euzebio?

—Queria parlar-lhe, meu senhor, mas já de ha muito que me pozta sobre o coração o que vou comunicar-lhe, disse o velho creado. Tem me custado immenso a occultar-lhe o que já devia saber e não posso ficar silencioso em vista dos enigmaticos acontecimentos que aqui se deram a noite passada.

—Bem, falla, mas depressa, volveu com impetencia o marquez.

E Harry, que espreitava para uma fenda, viu o fidalgo fitar um olhar inquieto em Euzebio.

D. Ramon de Saavedra tinha um todo imponente e garboso. Os movimentos que fazia denotavam elegancia alliada a uma força pouco vulgar. As feições eram cheias de nobreza e inspiravam sympathia, mas como que envenenadas por um véu de melancolia. Devia erguer pelos trinta e cinco annos, a melhor quadra para o homem.

—Ha quasi dois mezes, começou Euzebio, veio para o castello uma joven, Sim, deve ter sido em novembro que a sr.^a condessa, na ausencia do sr. marquez, admitiu aqui essa menina. Via chegar, colerico o rosto por um vello, mas ainda assim percebendo-se que era muito formosa e devia ser muito nova. A sr.^a condessa installou-a nos aposentos do terceiro andar, contiguos aos seus e suppondo, e com razão, que eu e os outros creados diríamos alguma coisa quando o sr. marquez regressasse, prohibiu-nos de fallar, ameaçando todos de serem immediatamente despedidos se falassem.

A fronte do fidalgo sombreou-se, no rosto desenhou-se a uma expressão de colera e admiração.

Como Euzebio, atemorizado com tal mudança, se não atrevesse a fallar, o marquez ordenou:

—Continua, diz-me tudo. Nada tens a recutar. Quando minha irmã te ordenou, a ti e aos outros creados que nada dissessem, o seu dever, a sua obrigação era nada dizerem. Andaram, pois bem, em não prevenir. Porque foi que desobedeceste a essa ordem e que se passou a noite passada no castello?

—Perdi-o, sr. marquez, julguei que fuisse para seu interesse!

—Respondes ou não? Os acontecimentos da noite passada tem alguma relação com essa mysteriosa joven?

—Sem duvida, sr. marquez. A tal menina desapareceu, sem se saber como. A sr.^a condessa está in-

consolavel. Ao querer abrir hoje de manhã a porta que dá para o quarto d'essa joven, a quem tratava por dama de companhia, não a ponde fazer estar fechada pelo lado de dentro. Chamou-nos para a arrumarmos e viu-se que nos aposentos que ella occupava não estava ninguém. A sr.^a condessa lembrou-se então de que do noite, lhe parecera ouvir vozes de homens no quarto da dama de companhia.

«Affirma a sr.^a condessa que essa joven deve ter sido rapta violentamente e mais tarde que ella deve ter sido victima d'um crime horroroso, chegando a esse convencimento do seguinte modo.

«Esta manhã saí do castello e fui espiaçar um pouco até á posada proxima d'aqui. Quando ali me encontrei, dirigiu-se-me dois estrangeiros pedindo-me para lhes mostrar o castello. Apresentei-os, como devia, e sr.^a condessa, que lhes permitte a entrada.

«Eles causou-me uma tal ou qual admiração, mas mais admirado fiquei ainda ao saber que elles eram policias amadores, pois ao saberem o que se tinha passado prometteram a sr.^a condessa descobrir o enigma. Não devia, confesso-o, ter ficado á escurta no corredor, mas como o caso me interessava vivamente assim fiz.

«A sr.^a condessa subiu depois com elles ao terceiro andar, para os guiar aos aposentos da desaparecida. Sem que o notassem, seguí-os e consegui saber que na opinião d'elles a joven tinha sido assassinada. —Esses homens ainda estão no castello? perguntou o marquez com inquietude.

—Não estão. Saíram quando o sr. marquez chegou, porque a sr.^a condessa não queria que v. ex.^a os visse. Foi-os sair pela porta do muro do parque.

—Está bem, Euzebio, volveu o marquez com uma certa tristura. Atrevido te as informações que acabas de me dar. Podes fazer-me a descripção d'essa menina, que minha irmã introduziu no castello sem meu consentimento?

—Não só eu, mas os outros creados a vimos com frequência, quando ella á noite passava no parque como a sr.^a condessa.

—Bem, vae seguir-me até as castella e ahí me farás a descripção d'essa menina tão possivel como possas fazel-o.

Ao mesmo tempo saíram do pavilhão tomando apressadamente pela alameda dos castanheiros.

Harry Taxon seguiu da longe. Viu-os entrar pela porta do torréo e dirigiu-se para essa porta, logo que elles desapareceram.

Estava aberta, e que fez saltar um suspiro de funda satisfação ao joven ajudado do celebre criminalista. Ouviu-se subir a escada, que era de caracol, fechou-se uma porta momentos depois e tudo reclinou em silencio.

Para não fazer ruido, Harry descalçou as botas e subiu até quasi metade do torréo.

O rosto reflectia-lhe a maior alegria ao ouvir duas vozes que saíam de detrás d'uma porta.

Farece-me que conseguirei decifrar o mysterio, murmurou consigo o moço. Curioso e aguilhão um dos olhos á fechadura. Via uma sala illuminada por uma janelleta abobadada, em cujas paredes pendiam, aqui e ali, trophées de armas e em preciosas molduras quadros que deviam ser de grande valor, ao que parecia.

O que maior interesse despertou a Harry foram os retratos de duas senhoras novas, que se viam em frente da porta. Uma d'ellas era morena, de olhos penetrantes e labios sensuaes, outra, que devia andar pelos dezito annos, tinha o cabello castanho-escuro, olhos azuis-escuros brilhantes e rosto de feições nobres e sympathicas, a que o nariz a tanta aquilão dava uma expressão enérgica. Vestia de seda branca e o seu todo era d'uma belleza fascinante.

O contraste entre as duas mulheres era frizante. O marquez e Euzebio estavam em frente dos dois retratos.

—Era esta? perguntou D. Ramon, apontando para o da esquerda.

Euzebio saltou um grito de estupefacção.

—Sim, meu senhor, era essa mesma. Tinha o cabello castanho-escuro, a tez delicada e os olhos, ragados, azuis. Vi-a bem apenas uma vez, mas deixou-me uma impressão indelel.

—Não te enganias, com certeza? insistiu o marquez.

—Não, sr. marquez, não me engano.

—Já se é bastante, Euzebio, disse sair.

E como o creado ia afastar-se, acrescentou:

—Não repetirás uma palavra sequer do que aqui dissemos. Ordeno-te silencio absoluto e saberei recompensar-te se cumprires as minhas ordens. Minha irmã está nos seus aposentos?

—Sim, sr. marquez.

—Bem, retira-te e se queres fazer alguma coisa que me seja agradável vigia os arredores do castello e se os estrangeiros que dizes serem policias amadores. Será fallado encontro os.

Euzebio fez uma profunda venia e dirigiu-se para a porta.

Harry Taxon conseguiu occultar-se n'um nicho da parede, saltando um suspiro de satisfação quando o creado, que passou junto d'elle sem o vêr, começou a descer a escada rapidamente.

Harry voltou para o seu posto de observação. Chegou ainda a tempo de vêr que o marquez ameaçava o retrato da morena com os punhos fechados, ao mesmo tempo que exclamava:

—Ai do ti se estás envolvida n'esta mysteriosa historia! Sei, Lauretta, que me odias immenso, que não tens outro desejo se não o de me causares os

maiores tormentos, tu que me amaste outr'ora ardentemente, porém os teus criminosos auxiliares nada conseguiram contra mim. Foi devido a uma creatura angelica, d'uma bondade divina, do que elles haviam lançado mão para me prejudicarem, que consegui salvar-me ha dois annos de ser assassinado.

«Vou partir ainda hoje, antes do sol se esconder por detrás da serra de Guadarrama, para Hiermoillo. Talvez consiga encontrar-a ahí e arrancal-a á fôrça das garras d'esses bandidos, em que de ha muito penso, sem que até hoje o tenha conseguido.

Vendo que o marquez se dispunha a sair da sala do torréo, Harry correu a occultar-se de novo no nicho da parede.

Com effeito, D. Ramon de Saavedra saía d'alli a momentos, fechava a porta á chave e descia a escada, abandonando o torréo.

Quando Harry se aproximou da janella por onde podia avistar o parque, viu que o marquez se dirigia para o ponto do castello onde ficavam situados os aposentos da condessa.

Era evidente que entre os dois irmãos ia dar-se uma explicação.

Harry, agora, queria chegar primeiro que Euzebio á venda onde o mestre o esperava.

Rebujou ao vêr que o creado ainda estava no castello, fallando com alguns collegas junto da fonte do parque, ao que parecia muito bem disposto, pensando naturalmente que prestaria um grande serviço ao amo.

A porta do torréo estava ainda aberta. Harry mais contente ficou ainda. Atravessou o parque e saiu pela pequena porta do muro.

A passos rapidos dirigiu-se para a venda. Lá satisficissimamente. Esperava que Sherlock Holmes se alegraria com as noticias que elle lhe levava.

CAPITULO III

Euzebio illudido

Anoio, o celebre criminalista foi ao encontro do seu prezado ajudante.

A demora que este tivera provava-lhe que alguma coisa de novo lhe traxa. Conhecia bem Harry para saber que elle se descompunha convencionadamente da missão que elle lhe incumbia. Além d'isso, conhecia o amor que elle tinha á sua profissão e sabia que Harry Taxon via a ser um dos mais habéis criminalistas mundicia.

Escondido por detrás das cortinas da janella do seu quarto, espreitava attentamente a chegada de Har-

ry, ao mesmo tempo que vigiava os arredores do castelo.

Felizmente, avistára Harry, que se dirigia para a venda, vindo dos lados de Lozoya.

O moçobo dera uma enorme volta para não despertar suspeita de ter estado no castelo, dirigindo-se com passo firme para a venda.

Decorridos segundos, entrava ali, subindo para o quarto do mestre.

—Então, meu rapaz, correu tudo bem? indagou este, sorrindo, em voz de expressão do triumpho impressa no rosto de Harry.

—Sim, mestre, correu tudo maravilhosamente. Apenas entrei no parque, vi o marquez seguido de Euzebio, dirigindo-se para um pequeno pavilhão. Segui-o e ouvi o velho narrar ao amo tudo o que tinha dito no quarto da rapta. O patife tinha-nos espiado.

—Desconfiava d'isso, visto que elle nos seguira, retrucou Sherlock Holmes. Como recebeu o marquez a communicação do velho?

—Afigurou-se-me ficar muito impressionado, apesar de o não querer dar a perceber. Contou depois cair a máscara no torção, para ende depois deixos se dirigiram. Entre o marquez e a desaparecida ha qual-quer relação, se me não engano.

—Parece-te isso? interrompeu Sherlock Holmes, um tanto admirado por ver que se confirmavam as suas conjecturas. Que foi que te levou a formular tal juizo?

—Por uma imprecação que o marquez dirigiu a um dos retratos. Quando Euzebio affirmou que um d'alles era da joven que tinha desaparecido e dupla de creado asir, D. Ramon estendeu com modo ameaçador os puños cerrados para o outro, o d'uma menor, que deve ser um verdadeiro demonio, a avaliar pelo olhar e pela expressão cruel que transparece nos seus labios sensuaes. Além d'isso, tem umas certas parecenças com o marquez, o que indica, deve ser sua parente, ao passo que o outro retrato é o d'uma joven de ideal formosura.

—Muito bem, Harry, disse o celebre criminalista dando uma palmada amigavel no hombro do seu ajudante, procedeste, como de costume, com a maior habilidade. As tuas informações vão fazer com que possamos adiantar o serviço. Além d'isso, não é mau contactarmos com o bom do Euzebio, a quem vamos ensinar como deve exercer o seu officio de espião.

E, tendo olhado pela janella entreabrada para fora: —Olha, ali vem elle a cambalar e a fazer acenos a Saldano. —Vamos beber uma pinga, meu velho amigo, e contar-te tudo o que desajas saber e nos convem que saibas.

Levando Harry pelo braço, desceu para a varan-

da, chegando ali ao mesmo tempo que Euzebio, a quem o criminalista saudou nas seguintes terminas:

—Olá, sr. Euzebio, a sr.ª condessa já está socogada? Ah, ah, que bello carapeto lhe impingimos!

—Carapeto? — exclamou o velho creado, estupefacto. — Carapeto? Então a joven que desapareceram não foi assassinada?

—Assassinada? Quem falla em tal coisa? — reilargiu Sherlock Holmes, rindo. Então o sr. Euzebio seguiu e foi-nos espreitar? Com certeza que a sr.ª condessa não lhe contou o que dissemos e tambem tenho a certeza de que não sou a palavra morte a não ser n'essa entrevista que com ella tivemos. O marquez que ha pouco ainda chegou, nada devia saber a tal respeito, já lhe foi contar o que surtiu?

—Offende-me, senhor, disse o velho Euzebio, tomando ares de homem realmente offendido. Sou um servo fiel do sr.ª condessa e nunca iria revelar a seu irmão o que ella deseja occultar. Sinto-me deveras satisfeito por não ter havido crime. A sr.ª condessa Carmela era muito dedicada a D. Ignaz. Realmente, não houve crime? insistiu o velho creado.

—Não, respondeu Sherlock Holmes, enganámos a condessa. Naturalmente, a dama de companhia foi raptada e as manchas vermelhas do tapete, do caixilho da janella e do toldado são de tinta vermelha. Foi estratagemam dos raptadores, para fazerem crer n'um assassinio. Foi um episodio de amor como tantos que se dão n'este bello pair de Hespanha. Mesmo que fizessem agentes de policia, o que, felizmente, não somos, não teriamos que metter o nariz n'um caso d'amor, em que uma namorada se deixa raptar nos braços do seu apaixonado.

—Vamos beber um copo de vinho secco, do malher que mostra Saldano tenha na sua adega, pois temos que agradecer-lhe, amigo Euzebio, e ter-nos facilitado a entrada no velho castelo, digno realmente de ser visitado.

—Sim, sr. Euzebio, disse Harry Taxon, levando o velho creado para junto d'uma mesa, á qual o fez assentar, tendo de Saldano tenha na sua adega, pois temos que agradecer-lhe, amigo Euzebio, e ter-nos facilitado a entrada no velho castelo, digno realmente de ser visitado.

—Querem lá voltar? Não são, realmente, policiaes secretas?

—Não, meu caro, respondeu Sherlock Holmes. Quer que lhe dêmos a nossa palavra do honro? Parece o extraordinário que appareçam *touristes* amigos

de antiguidades em Lozoya, tão proximo de Madrid? Imagina que cada homem que vê é ou um policia ou um bandido.

E o criminalista soltou uma gargalhada, no mesmo tempo que enchia de delicioso vinho de Alicante os copos que o vendedeiro puzera em cima da mesa.

—Bebo, velho folgozão, para que to não custe tanto a nossa despedida.

Euzebio não esperou que lhe repetissem o convite e levando o copo aos labios esvaziou-o d'um trago.

Saldano foi convidado tambem a beber, não se fazendo rogado, o que ainda mais augmentou o bom humor do velho creado, o qual esvaziou copo sobre copo até ao ponto de lhe assomarem as lagrimas aos olhos quando Sherlock Holmes disse de subito a Harry que eram horas de se retirarem, para não chegar tarde de mais á estação.

A despedida foi commovente. O velho chorava como uma Magdalena, o que provocava o riso do criminalista e de Harry, pois era realmente comico ver aquelle rosto avermelhado pelas copiosas libações sulcado de lagrimas provocadas pelo Alicante.

—Adens, meus bons amigos, adens! exclamava elle em voz entrecortada. Não se esqueçam do velho Euzebio!

E ao ver desaparecer n'uma curva do caminho os dois homens, apressou-se a regressar, um pouco cambaleante — verdade seja —, ao castello, a fim de contar ao marquez que se tinha enganado e que os dois estrangeiros eram *touristes* inoffensivos, que haviam já partido para a proxima cidade.

CAPITULO IV

Dois irmãos dignos um do outro

O velho pateta não percebeu que tinha sido illudido, pois, apenas elle desapareceu, Sherlock Holmes e Harry Taxon haviam voltado para a estalagem e se tinham instalado no quarto por elles occupado, começando a espreitar por detraz da cortina da janella.

A sua paciencia foi então submettida a uma rude prova. Tiveram que conservar-se ali de firme durante toda a tarde, visto que D. Ramon Saavedra não apparecera.

Esvaneceu e saiu uma d'aquellas noites deliciasas, encantadoras de primavera que causam a admiração de todos os estrangeiros que pela primeira vez visitam a peninsula Iberica.

As estrelas brilhavam no céu azulado e a atmosfera era tão limpida e diaphana que os astros pareciam brilhar sobre os pinheiros dos montes.

Entre as arvores da densa floresta que se estendia para o lado de Lozoya elevou-se o canto do rouxinol. Perfumes inebriantes se exalavam dos jardins d'aquella estancia, da qual se abastecia de agua a capital de Hespanha. E ouviam-se ao longe os sinos das egrejas de Lozoya.

Sherlock Holmes abria a janella, e esconderase por detraz da espessa paredeira que a engradilhava, aspirando a plenos pulmões o ar do campo impregnado de orono, que entrava em largos haustos. Fyrlampes luziam junto da janella.

Viram D. Ramon de Saavedra sair do castello, montado em fogaço corcel, e ali o ouviram despedir-se de Euzebio, que viera acompanhá-lo ao portão.

Viram-no em seguida passar junto da estalagem, tendo se olhos fixos na janella do primeiro andar, atraz da qual parecia lóbregos os dois homens. Dirigia-se, ao que parecia, para Lozoya.

Sherlock Holmes e Harry Taxon esperaram que elle fizesse um pouco distanciar, em seguida desceram e dirigiram-se para o patão da estalagem, onde estavam já apparelhados para elles dois machos, que Saldano lhes arranjara com a maior habilidade.

O estalajadeiro estava junto do criminalista, a quem dizia que era sua opinião que havia sido Euzebio um grande valhaço e embusteiro, quem abria a porta aos raptadores da joven do castello.

Saldano respeitava muito o marquez, mas ao saber que Sherlock Holmes e Harry Taxon tinham interesse em saber certos pormenores puzera-se ao seu dispor, auxiliando-o e mais que podia.

Contára lhes tudo o que sabia a respeito dos segredos dos donos do castello. Era um verdadeiro romance o que elle tinha narrado e que se resumia pouco mais ou menos ao seguinte.

D. Ramon de Saavedra era o ultimo da sua estirpe e com elle extinguia-se a familia, que havia seculo se tinha 'ejado no valle da serra de Guadarama.

Segundo o vehemente desejo de D. Manuel, pai de D. Ramon, este devia casar-se, para dar descendentes ao tronco dos Saavedras.

Uma das mais aconcedoras mulheres de Madrid, a joven e bella condessa Lauretta Pirena, não via senão o joven marquez, com quem apparecia em todos os festejos, em todos os bailes da corte, em todas as reuniões aristocraticas.

D. Ramon de Saavedra era bello como Apollo e a condessa Lauretta apaixonara-se locamente por elle. E era diuamente como um tigre, querendo que só a ella pertencesse aquella homem que tantos corações se donzellas fazia palpar.

O tempo fazia augmentar o seu amor. Conseguiram atrahir o joven e inebriar-lo com o seu olhar de fogo. O carro triumphal da condessa teve mais um ornamento.

mento e os adoradores de Lauretta cantaram mais um rival e rival perigoso para elles.

Aos ouvidos do joven enamorado chegaram rumores de que a condessa Lauretta era incapaz de sentir um amor verdadeiro e casto. Tomou horror a esse verdadeiro demonio e quebrou violentamente as cadeias e grilhões que o algemavam.

O amor que por ella sentira desaparecera, para elle deixar entrever a verdadeira felicidade. Uma outra imagem se lhe gravara no coração. Saldano não sabia bem quem era, mas, ao que se dizia, fora uma mulher ideal, de belleza superior a da condessa Lauretta, quem se apossara do coração do Marquez de Saavedra.

Contava-se que D. Ramon apresentara a sua futura esposa a seu pae moribundo, e que este o amaldiçoou com a sua maldição, repudiando-o e desherdando-o, se elle quebrasse as suas relações com Lauretta.

D. Ramon precipitara-se então a uma vida de prazeres desenfreados. Visto que aquella que amava tinha sido repellido por seu pae, quiz esquecer, tentou apagar a chama que lhe ardia no peito.

Era lido pelo mais ousoado corredor de Madrid e tomava parte em todas as diversões sportivas, sentindo prazer em arrotar todos os perigos.

O mais celebre cavalleiro de Hespanha nunca sair do cavallo nem sequer fora ferido.

A formosa Lauretta via que D. Ramon se tornava dia para dia mais adorado pelo publico, e que a rebebia sempre com demonstrações de afeição e o festejava como a um heroe.

Murmurava-se que o Marquez fora por diferentes vezes alvo de criminosas tentativas. Acrescentava-se que estivesse mais d'uma vez em perigo sob o tapeteiro montante d'um lancido. D'uma dessas vezes, ao sair a uma morte inevitavel, devido a, no momento em que la cair, se metter de permear entre elle e o assassino uma mulher nova e bella.

Tudo isto contára o estajaladeiro Saldano, o qual no momento a que nos referimos ajudava o criminalista e Harry Taxon a cavalegar os machos, cujas patas tinham sido envolvidas em bocados de flanela, a fim de não fazerem ruido.

Os dois cavalleiros saíram do pátio da estalagem. Tinham que apressar a andadura das montadas, para alcançarem D. Ramon, o qual mal se avistava ao longe, pois o seu fogaço corcel devorava o caminho sem fadiga.

Por felicidade, o terreno accidentado dificultava muito o andamento pelo que o Marquez foi obrigado a moderar a velocidade do cavallo, podendo assim approximar-se d'elle os dois policia amadores.

— Parece que estamos n'uma verdadeira região infernal, — disse Sherlock Holmes a Harry — e é para Hermosillo, se me não enganar, que o Marquez se di-

rige. E' um milagre não terem as nossas montadas partido as pernas. Lá vai elle agora por um caminho mais estreito e mais alçado. Tentamos mais cautella e não continuemos a esta velocidade, sendo talvez melhor aperearmos-nos e levarmos os machos pela ridea.

O criminalista apeon-se. Harry imitou-o. Caminharam devagar até ao sitio onde se bifurcava o caminho, ficaram admirados ao ver que D. Ramon parára junto d'um casarico de pedra, á porta do qual se viam dois abetos, semelhantes a duas sentinelas. Nas cercanias reinava profundo silencio. Cols alguma denunciava que a casa fizesse habitada. As janelas do rez-do-chão estavam fechadas. A porta, chapeada de ferro, parecia também estar trancada, da chaminé não saia a mais ligeira columna de fumo.

O que levaria o Marquez de Saavedra a parar em frente d'aquella casa, e, a semelhante hora, e a bater com o casão de seu chicote á porta com tanta força que o som das pancadas ecoava por montes e vales?

Quem procurava elle atraz d'aquella negra e imunda parede?

Porque quereria ali entrar? E qual o motivo por que se via estar desesperado por ninguém apparecer e só o elle lhe responder?

Deixou aqui ficar, — segredou Sherlock Holmes a Harry — e o Marquez voltou, segue-o. Ráonde te atraz d'aquella arvore, á beira do caminho, onde elle te não verá. Eu vou vir se descubro o que se occulta na casa solitaria e saber o que D. Ramon ali procura e com quem se queria juntar.

Occultaram os machos atraz das arvores. Apenas tinham feito isto, o Marquez voltava cabalheado e meditando pelo mesmo caminho que seguira para se dirigir á casa solitaria.

Sherlock Holmes e Harry Taxon esperaram que elle se afastasse um tanto ou quanto. Saíram então detraz das arvores e separaram-se, combinando encontrarem-se na estalagem.

— Mas não antes de averiguarmos, Harry, a parça de D. Ramon se dirige, — disse o celebre criminalista. — Pela minha parte, espero contar-lhe alguma coisa de importante.

Deixando o macho no sitio onde o occultara, dirigiu-se a pé para a mysteriosa casa, estagando o passo. Ao chegar defronte d'ella examinou attentamente a porta. Abanou todas as janelas e portas. Não eram, porém, facéis de abrir, e para o conseguir seria necessario empregar um certo esforço.

— Hei de entrar n'esta villa esphelunca, — murmurou o grande criminalista, mal humorado. — Se me não enganar é uma antiga estalagem, pertencente ao lugar de Hermosillo, que fica no fim da erte vereda. E apoz uma pequena pausa:

— Com os diabos! Não pertencem em tempos esta estalagem aos irmãos Francos, a estes celebres criminosos de que toda a imprensa madrileña tanto se tem occupado nos ultimos tempos? não eram elles então os donos d'esta mal afamada esphelunca? Naturalmente, ou antes tenho quasi a certeza de que é esta. Hei de saber se me não enganar.

Reflectiu durante alguns momentos sobre o modo de forçar á porta da estalagem abandonada.

De subito, encontrou o que procurava, pois que dando uma palmada na testa exclamou:

— Com certeza que não viestes um meu perfido luso, visto que ainda me não occorreu semelhante ideia. Dirigi-me apressadamente para os abetos e comecei a subir por um d'elles com uma incrível ligeireza.

Subiu até chegar á altura da trapieira, sobre a qual o abeto estendia os ramos.

Empoleirado n'um d'esses ramos, conseguiu, com um murro despedaçar a janella.

Dando um impulso ao corpo, foi cair no meio da casa, immersa em funda escuridão.

As taboas, vellos e carcomidas, rangeram lastimosamente sob o seu peso, fazendo um certo ruido.

Ficou immovel durante momentos, escutando attentamente, receoso de que o ruido que fizera tivesse sido ouvido. Tranquillizou-se, porém, em breve. Na casa nada se ouvia.

— Creio que poderei descer ao primeiro andar sem estorvo, — murmurou elle.

Foi funcionar a sua lampada electrica de bolso. Viu uma escada proximo do sitio onde estava. Deitou com as maiores precauções, degra por degra.

Ao chegar ao fundo, parou. Devido á claridade espalhada pela lampada, viu que se achava a um corredor para o qual deixavam varias portas, que deviam ser de outros tantos quartos, que antigamente deviam ter sido a moradia dos donos da estalagem e aposentos dos hospedes que por acaso ali permitiassem.

Alguns estavam por completo desguarnecidos, outros tinham poucas mobilia e essa ordinaria, que não despertou a attenção do criminalista, o qual percorreu tudo até chegar a um aposento, que lhe attraheu.

A luz da lampada electrica illuminou quasi todo o compartimento, que não era grande. Viu duas ou tres cadeiras empilhadas umas sobre outras a um canto. A outro canto um montão de farrapos immundos e uma espécie de lito foso com cortinas ordinarias, suspensas d'uma especie de doel.

Sherlock Holmes approxinou-se da cama e examinou-a detidamente. Nas almofadas viam se sinais de que, pouco antes, ali estivesse algum doitado. Puxou pelo revulso e verificou se elle estava arragado. Voltou de mansinho para a porta, a fim de escapar.

Olhou attentamente em volta. Parecia-lhe que d'al-

gum dos cantos ia saltar sobre elle um dos irmãos Francos.

Tudo estava, porém, no maior sosiego. Dirigiu-se de novo para o interior do quarto, a procura de seus investigações. Arrojou junto da parede uma secretária velha e desengonçada, em cima da qual se via um jornal.

Pegou n'elle e percorreu-o com a vista. Era um exemplar do *Diario Esportivo*, datado de dois dias antes.

Tal achado levou Sherlock Holmes ao convencimento de que os dois banditos que ali se occultavam ainda se encontravam na casa.

Penetrou n'outro quarto pequeno, em que, ao contrario dos outros aposentos, se notava uma certa comodidade. Afigurou-se-lhe que tinha ali estado uma mulher.

Os poucos moveis que ali havia demonstravam ter sido tratados com cuidado.

Nas janelas viam-se ainda cortinas amarellas, no sobrado um tapete.

Saiu do quarto para ir examinar os compartimentos inferiores da casa e realizar a parte mais difficil das suas investigações. Presentia que o esperavam grandes perigos.

De revolver em punho, desceu a estreita escaða e depois de atravessar um corredor entrou na cozinha. Hesitou um pouco. Uma luz mortua illuminaava esse compartimento. O luar penetrava por uma janella quebrada, em parte tapada por pedaços de panho, e a um canto via-se um fogão.

Sherlock Holmes approxinou-se e ficou perplexo. Viam-se ali restos de lume e restos de andrajes carbonizados. Parecia evidente que os antigos proprietarios da casa, os irmãos Francos, havia pouco fugido da prisão, se tinham ali refugiado.

Continou no seu exame e esteve quasi a saltar um ligeiro grato de espanto ao deparar-se-lhe um prato de fava n'um armario, as quaes pareciam comidinhas pouco antes.

Sherlock Holmes, um homem que nunca tinha medo, que nunca se intimidava, sentiu um arrejo.

Não era possivel a duvida. Os terríveis banditos estavam ali! Deviam encontrar-se no subterraneo, tendo naturalmente ouvido quando elle saltara do abeto para dentro da trapieira.

Afigura-se-lhe critica a sua situação. Os irmãos Francos eram criminosos resolutos, como dixeram os jornaes, e que nunca recavam. Andavam sempre bem armados e não deixariam de se desfazer de todo aquelle que descobrisse o seu mysterioso antro.

Apozar d'isso, o criminalista estava resolvido a não retroceder. Os banditos, que ultimamente tinham cometido numerosos crimes, eram, evidentemente, cumplices do rapto no castello Saavedra. Quem se

atreveria a introduzir-se ali, a não serem aqueles audaciosos bandidos? Não eram elles, os que ali se encontravam, os mais proximos visinhos do Marquez?

Talvez não fuisse, porém, só o rapto da dama de companhia que os tivesse levado ao castello.

Andando com a maior precaução, o grande criminalista dirigiu-se para o subterraneo. Desceu-se da cozinha para elle por uma escada de pedra. A porta estava apenas encostada.

Sherlock Holmes abriu-a de mansinho e as suas feições reflectiu-se uma expressão de asombro quando viu uma luz tensa sair do subterraneo. Descera sem ser percebido. Chegou finalmente.

A luz saia de tras d'um tabique que dividia o subterraneo em duas partes e cuja porta estava meio aberta.

O criminalista deslizou como uma sombra, evitando a luz, que illuminava só parte do chão ladi lhado e a escada. Aproximou-se da porta, d'onde podia observar tudo.

Alcançados a uma toca mesa, vieram se dois homens, vestidos como trabalhadores das classes mais baixas. Não restava duvida de que eram os irmãos Alfonso e Mariano Francis.

Que terrivel apparencia de bandidos elles tinham! Ambos tinham a barba mal cuidada e ambos estavam imundos. Um tinha as gnelhas caídas sobre a testa, o outro dava ideia d'um vadio selvagem. De espaldas largas e musculos salientes, os facinorosos mostravam nos rostos tenacidade e uma vontade indomável, que a nada cediam.

Levantaram-se e foram procurar o que quer que fosse na parede do subterraneo. Encontraram o que queriam, porque, fazendo força sobre uma grande pedra, esta voltou-se, deixando a descoberto uma grande ovidade, da qual os bandidos tiraram, como Sherlock Holmes pode observar, mancheiras de ouro e joias, que ali tinham sido occultas.

Voltaram a sentar-se.

—Então, disse um dos bandidos, possuímos agora bastantes munições e podemos portanto descansar um pouco até recuperarmos coragem para novos empreendimentos. Com mil diabos! Não me agrada nada o termos de voltar a esta maldita espelunca, mas precisavamos de dinheiro para estarmos seguros!

—Por S. Thiego de Compostella! Não deve ser longa a nossa permanencia aqui, nem mesmo em Hespanha, porque nos procuram por toda a parte.

—Só o diabo sabe-se o desejava fazer mais alguma coisa, mas não me deixas descansar. Podíamos ter-nos arriscado um pouco para aliviar-mos o cofre de D. Ramon e sabe Deus se ainda não teremos que soffrer por causa da historia de Ignez!

—Eis um poltrão, Alfonso, disse o irmão, remeando o monte de dinheiro e joias que tinha sido col-

locado em frente d'elles, sobre a mesa. Seriamos todos se não tivéssemos aproveitado a magnifica occasião que se nos proporcionou. Olha para o que aqui está que é uma grande quantia, da qual temos de dar algum aos que nos auxiliaram, a fim de evitar-mos que caiam nas mãos do carasco. Com um punhado de ouro e pedras preciosas ver-nos-emos livres d'elles e supponho que o sr. Marquez nos ajudará. Já dei para isso os passos precitos.

—Que passos? perguntou o irmão, surprehendido.

—Logo que conduzimos a Madrid a bella Ignez, escrevi uma carta ao Marquez, a participar-lhe que a fariamos desaparecer para sempre, se elle não desistisse n'um certo sitio a quantia de 100.000 pesetas.

—E julgas, Mariano, que D. Ramon cairá n'essa?

—Com certeza que sim. O facto d'elle ter aqui vindo ha pouco demonstra que lhe produziu grande impressio o rapto. Julgom-nos com certeza, por não termos respondido, longe d'aqui. Não está talvez ainda de posse da minha carta e, por isso, não valia a pena ter uma entrevista com elle. Vamos sair d'este maldito pardiçero e d'este imundo subterraneo. Se nos disfarçarmos bem, poderemos passar onde quizermos. Ouviste? Vamos partir immediatamente.

—Agradas-me isso. Vamos-me embora!

Sherlock Holmes teve tempo de se occultar n'um escuro recanto, de modo a não ser visto.

Ouvia os dois bandidos subirem ao quarto de dormir, naturalmente para ali disfarçarem e depois sair-em.

Resolveram segui-os.

CAPITULO V

Um encontro

Sherlock Holmes deixou decorrer algum tempo. Esperou pacientemente que os bandidos tirassem os machos, que tinham trazido, da estrebaria sua na retaguarda da solitaria estalagem e que os cavalgassem.

Os facinorosos iam bem postos. Tinham afivelado nos ratos espessos barbas pretas, vestiam com elegancia e passariam por pessoas de distincção, sem loes o irem em machos.

O disfarce dos dois homens arrancou um sorriso de desdém ao criminalista e o rosto desanuviou-se-lhe ao examinar a atmosphera quando saiu da estalagem.

Ao longe, accumulavam-se nuvens negras, que annunciavam estar imminente uma grande tempestade. Ouvia-se distante o ribombar do trovão e o vento qe-

prava com violencia. Relampagos illuminavam de quando em quando o horizonte.

—Com mil raios, murmurem o criminalista, cheguei encharcado. Vou montar o macho e chegar-lhe de espora e chicote, a fim de encontrar o trajecto.

Cavalgou e tratou de seguir os bandidos, fazendo o menos barulho possivel, mas o animal é que não esteve pelos ajustes e ao sentir os cavalgões pelos irmãos Francis, andou-os na sua linguagem pouco harmoniosa, mas que se ouvia a grande distancia.

—Com mil demônios, este maldito macho atraihe os tranzantes, que, naturalmente, se lançarão sobre mim como sobre uma boa preta! Como elle vai de orelhas arrebitadas, o patife, e todo empertigado! O que precisavamos era um tiro nos miolos. Terei de voltar para tras?

Pareceu-lhe que os bandidos, que se haviam voltado quando tinham ouvido o zurrar do macho, iam apertar-se. Assestára já sobre elles o seu revolver, mas, reflectindo em que só por meio d'elles poderia saber para onde tinha sido levada Ignez, meteu a arma no bolso e confiou no acaso.

Aproximou-se dos facinorosos, que se não atterram a fazer-lhe mal. Alem d'isso, estavam preoccupados com a tempestade que se avizinhava, e deram de esporas aos animais, desaparecendo n'uma volta do caminho.

Sherlock Holmes, sentindo as primeiras gottas, voltou para tras e dirigiu-se de novo á estalagem arruinada, penetrando ali pela janella da cozinha.

O trovão ribombava agora com força e a chuva começara a cair em torrentes.

—A furia dos elementos dura sempre pouco tempo. D'aqui a uma hora, pouco mais ou menos, a tempestade deve ter abrandado. Harry tem de ter paciencia, com vontade ou sem ella. Quando eu regressar á estalagem do bom Salgado será tarde. O mais prudente é estar d'ouvido e escuta.

Saiu da cozinha e subiu ao primeiro andar, dirigindo-se para o quarto cama. O leito pouco convidava, mas antes um leito do que as taboas duras.

Affrou-se para de cima da cama e adormecerá como um justo não se lembrou da repente de ir examinar detidamente a velha secretária que, havia pouco, quando ali já estivera, lhe attrahira a attenção.

Se bem o pensou, melhor o fez.

Saltando da cama, dirigiu-se para o movel, que abriu com anfilho das chaves de que sempre andava provido.

Ao levantar a tampa, ficou estupefacto. A secretária estava vazia. Só a um canto se via um pequeno pacote de cartaz apertado por uma fita de seda vermelha. E eram cartas de mulher!

Pegou n'ellas e sentiu o maior asombro ao tirar o laço de seda. De dentro, caiu uma photographia.

Era o retrato de D. Ramon Saavedra. Julgou a principio estar enganado. Como seria possivel encontrar-se ali a photographia d'um fidalgo?

Mas não, não se enganava. Os seus olhos não o tinham induzido em erro. Era bem o retrato de Marquez que tinha na sua frente.

Desdolorou rapidamente uma carta, que len de fio a pavio, e guardou o retrato na carteira. A carta era de D. Ramon, o qual, em phrases cheias de embusismo e ardor, assegurava á sua amada que a adorava, que pensava n'ella dia e noite e que fugiria da casa para unir ao d'ella o seu destino.

Promettia-lhe uma dedicacão eterna e orgual-a até si da esphera inferior a que ella pertencia. Romperia com todos os preconceitos e nem noberza, nem posição, o impedimento de seguir a inclinacão do seu coração.

As outras cartas continham, mais ou menos, as mesmas phrases:

Sherlock Holmes ateu-as como ellas estavam antes de as desatar e guardou-as. Fezoha a secretária e dirigiu-se de novo para o leito. Nesse momento, avistou no sobrado um papel.

Curvou-se, apanhou-o e leu-o. Era uma carta de mulher, mas não carta de amor. Nas feições reflectia-se-lhe uma expressão de grande alegria ao percorrer as linhas ali trapadas.

—Só já o que queria, murmurou elle em tom de satisfacção. Esta carta é o sufficiente para pôr a descoberto a malversad d'esses perversos. Na realidade, é uma prova rara da vileza humana a que aqui encontramos.

Dobrou cuidadosamente esse papel e guardou-o também na sua carteira.

Julgou que finalmente poderia descansar um pouco. Estava, effectivamente, muito cansado e o rugir da tempestade ajudava a conciliar o sono. Nenhum outro ruido se ouvia.

Quando já quasi cerrava os olhos, distinguia nitidamente um ruido que se approximava, o ruido d'uma carruagem.

—Não posso dormir, decididamente! Aflozamos elle. D'um pal, estava perdo da janella. Afastou as cortinas esfarrapadas, para olhar para a estrada escura.

—Quem será que aqui se dirige n'uma noite d'estas? monologou elle. Uma carruagem elegante, com um cocheiro bem posto? E a parella parece magnifica! Extraordinario, simplesmente extraordinario!

A carruagem que elle via e que era, realmente um elegante coupé, parou a alguma distancia da estalagem solitaria. Um relampago molhonlo subiu-se ares.

A' luz azulada d'esse relampago viu bradeses pintados nas portinholas da carruagem. Era uma corça de coade.

Sherlock Holmes atlinhou quem ali vinha.

—Descoja para o rez-do-chão apressadamente e poucos segundos decorridos estava no caminho em frente do cocheiro, que saltára da boieira e tentava abrir a porta da estalagem.

Esse cocheiro tinha um rosto pouco sympathico e em que se lia a selvagem e até uma certa expressão de maldade. Ao avistar Sherlock Holmes, dirigiu-se-lhe perguntando-lhe:

—Quem é o senhor e d'onde vem?

—Do velho pardieiro, respondeu o criminalista, onde fui procurar abrigo para a chuva.

—N'esse caso, volveu o cocheiro em tom extranho, naturalmente sabe também. Está mais alguém ali dentro?

—Não; ninguém mais. E se eram dois homens os que procurava, posso dizer-lhe que ha uma hora que elles desapareceram.

N'este momento, uma pequena mão abriu a portinhola da carruagem.

—Olympio, exclamou uma voz bem timbrada, quem é?

—Minha senhora, respondeu Sherlock Holmes, não dando tempo a que o cocheiro respondesse, vou apresentar-me immediatamente á sr.^a condesa.

Ouvia-se uma outra voz dentro da carruagem.

Sherlock Holmes viu a portinhola abrir-se mais e á luz d'um relampago avistou o rosto pallido e feroz d'uma mulher em que esbarrasam dois olhos rasgados e pretos.

Approximou-se da carruagem. Inclinando-se perante a elegante dama vestida de seda preta, disse:

—Chamo-me Rafael Corujo e sou ha pouco secretario particular de D. Ramon de Saavedra. Dei um passeio para conhecer bem a região e fui serprehendido pela tempestade quando regressava ao castello. Ficar-lhe-ia muito grato, sr.^a condesa, se tivesse a amabilidade de me conceder um lugar na boieira, ao lado do cocheiro.

—Tem um lugar á sua disposição no meu coupé, Corujo, respondeu a condesa. O tempo está terrível e desejo-vos descançar bem a região e fui serprehendido pelo cocheiro e os animais por mais tempo a esta chuva torrencial. Sabe a quem pertence este pardieiro?

O sr. Rafael Corujo entrou no coupé, sentando-se em frente d'aquella que o convidára a entrar e d'uma outra dama que ali seguia, dizendo depois:

—Não, minha senhora, não sei. Ha cerca d'uma hora, quando aqui cheguei, vi fugir precipitadamente dois homens que, apesar da vestidos com uma certa elegancia, me deram a impressão de serem uns bandoleiros.

—Infelizmente, os srs. Mariano e Alfonso não estão em casa, disse o cocheiro Olympio, mettendo o rosto dentro do coupé.

—Patalaf retornou á dama. Que me importa que

elles estejam em não? Mandem-os chamar? Só na tua boieira se metteria a ideia de nos trazeres por este caminho. Vamos, parte o mais depressa possível para Lozoya. Nunca procuraria abrigo n'uma casa que mais parece residencia de bandoleiros.

Olympio ia a replicar, mas a outra mulher, enjoando a occulção por um espazo virou, tapou-lhe a bocca com a mão, impedindo-o de fallar.

Sherlock Holmes viu subir para a boieira, preferindo uma impressão em voz baixa e fustigou os cavallos.

O coupé pôz-se em movimento.

—Ouvia ha pouco a sr.^a condesa dizer ao cocheiro que fôsse para Lozoya, local pouco distante do castello de Saavedra. A sr.^a condesa levará a sua amabilidade a ponto de me mandar pôr no castello?

—De certo, senhor, replicou a dama com vivacidade, ordenar-lhe o meu coupé ali o leve. Se o senhor é com effeito secretario particular de D. Ramon, do que n'isso não duvido, visto que conheceu o meu braço e me reconheceu, naturalmente por ter ouvido fallar em mim no castello, far-me ha a favor de entregar ainda esta noite uma carta, que lhe vou entregar, ao marquez. É muito importante e muito urgente.

—Como o maior prazer sr.^a condesa, respondeu o criminalista, que ardia em desejo de saber o que a tal carta continha. Deve ser entregue ainda esta noite?

—Sim, deve fazer-lhe chegar á mãos de qualquer modo que seja, pois se trata d'um serio perigo que quero evitar, marquez.

E, ao dizer isto, a condesa Lauretta Firenze, visto era ella, como Sherlock Holmes adivinhára, filha da sua elegante carteira uma carta torçada e entregou-a ao supposto secretario, que a metten no bolso, fazendo uma reverencia.

—Atravoe-me a agradecer-lhe em nome do sr. marquez a nobre intengão que a guioi, sr.^a condesa, apesar de que não é para admirar tal prova de amizade, visto que sempre ouvi que os membros da familia de vossa ex.^a e da do sr. marquez viviam na mais estreita amizade. Também já vi um magnifico retrato da sr.^a condesa no castello. Está collocado a par d'um outro d'uma joven, pela qual, ao que parece, o sr. marquez muito se interessa.

—Ainda hoje, ebra do meio dia, o encontrei na sala do torréo embriecido a contemplar os dois retratos.

Ao mesmo tempo que ia fallando, Sherlock Holmes observava attentamente a dama que ia na companhia da condesa e perpassava-lhe nos labios um ligeiro sorriso ao notar que ella se agitava, como que inquieta. Essa inquietude ia augmentando á medida que o falso secretario fallava e attingiu o bolum quando, como que inadvertidamente, elle tirou do bolso um

pequeno pacote de cartas atado com uma fita de seda vermelha, de novo o mettendo no bolso.

Ha muito que está no castello? perguntou elle de repente em voz bem timbrada e que se tornava sympathica ao ouvido.

—Ha pouco tempo ainda, respondeu Sherlock Holmes, não desviando a vista d'aquella que lhe fizera a pergunta, pelo que não tive ainda tempo de conhecer os seus habitantes. Não conheço, por exemplo, a dama de companhia da irmã do sr. D. Ramon, a sr.^a condesa Carmela, que me dizem ser uma joven muito formosa e distincta, e que a noite passada desapareceu mysteriosamente, sem deixar vestigios alguns.

«E o sr. marquez, ao regressar hoje e ao saber o que se tinha passado, ficou incommodadissimo. E o caso não era para menos. Um typo mysterioso! O sr. D. Ramon jurei não descansar um momento enquanto não descobrisse os raptadores e os seus cumplices e os entregar á justiça.

O criminalista viu o rosto da condesa Firenze empallidecer, ao passo que a companheira d'esta parecia muito perturbada.

Estabeleceu-se profundo silencio, que não foi interrompido até Lozoya.

Sherlock Holmes absteve-se de reatar a conversação. Ia entregar aos seus pensamentos, principalmente no que dizia respeito á companheira da condesa Firenze, e anhelava pelo momento em que pudesse fazer entrega da carta que elle lhe confiara para o marquez.

Ao chegarem a Lozoya, as duas damas hospedaram-se no hotel das Thermas, dando a condesa ordem ao cocheiro para levar o sr. Corujo ao castello Saavedra.

Antes de se aproveitar de tão graciosa concessão, o criminalista percorreu os hotéis e hospedarias de Lozoya a fim de investigar se os irmãos Fraboussi teriam passado a noite, com o fim de se encontrarem secretamente com a condesa.

Nada, porém, descobriu, não encontrando vestigios dos que procurava.

CAPITULO VI

Recelos e esperanças

Sherlock Holmes mandou seguir para o castello. Como o temporal tivesse amainado, sentou-se na boieira ao lado do cocheiro, a fim de ver se conseguia arrancar-lhe alguma coisa a respeito da dama que acompanhava a condesa Firenze.

Todas as tentativas que fez foram, porém, infructiferas. Olympio era o contrario de Ezechiez. Era tão taciturno e tão pouco fallador que o criminalista terminou finalmente a fazel-o fallar. O cocheiro devia ter boas razões para guardar rigoroso silencio, talvez receiasse mesmo que as respostas que desse o pudessem comprometter.

Por isso, Sherlock Holmes ficou deveras satisfeito ao avistar a estalagem de Saldano, podendo assim vir a livre e a carter ao companhia de Olympio.

Harry Taxon esperava com a maior impaciencia o mestre. Estava na varanda e, apenas o avistou, saltou d'um pulo a esnada e correu ao seu encontro, ao passo que Saldano, por indiciação do criminalista, que assim esperava obter algum resultado, offerecia um copo de vinho a Olympio. Nada, porém, obteve, pois o taciturno cocheiro não accedea.

Sherlock Holmes, depois de ficar a sós com o estalajadeiro tranquillizou o quanto á perda do macho, que elle deixára abandonado, prometendo indemnizalo, e a Harry perguntou o que se passára. Harry contou que seguira o marquez até ao castello onde, ao chegar, lhe fora entregue uma carta que na sua ausencia chegara. Ao lê-la, o fidalgo empallidecera e ordenára a Ezechiez que se lhasse immediatamente um cavallo, accionando:

—Parto immediatamente para Madrid. Participa isto a minha irmã, á sr.^a condesa, para ella se não inquietar com a minha ausência.

E montára d'um salto.

«E indicando-lhe o signame D. Ramon, concluiu Harry: Se não utilisarmos da carruagem poderemos chegar á estação primeiro que o comboio, visto que o marquez saiu ha um quarto de hora do castello.

—Bem, disse Sherlock Holmes, fallaramos com o marquez antes d'elle partir para Madrid. Tenho a dar-lhe importantes avisos e noticias, tenho a certezza, me ficará em extremo reconhecido.

Os dois homens tomaram logo no elegante coupé e ordenaram a Olympio que os conduziisse á estação proxima.

Conseguiram encontrar o marquez no proprio momento em que elle ia comprar bilhete para Madrid. D. Ramon de Saavedra ficou grandemente admirado quando Sherlock Holmes se lhe apresentou, declarando o seu nome e a sua qualidade, pedindo-lhe uma entrevista urgente.

Fechando-se os tres homens na sala de espera, o criminalista expoz em breves palavras o modo como elle e Harry tinham tido conhecimento do rapto de Ignaz e como a d'ôr que a condesa Carmela manifestara os levára a interessarem-se pelo mysterioso caso.

Não occultou que as investigações a que haviam procedido nos aposentos da desaparecida lhas haviam

chamar por socorro, quando se ouviu na estrada o rodar d'uma carruagem. Ficou immovel, ouvindo que a portinhola da carruagem se abria, e que tocavam a campainha da porta.

Chegaram ambas á janella, que a condessa abriu de par em par. A dos cabellos louros debruçou-se na janella, soltando um grito de jubilo.

—Ramon! Ramon! exclamou ella, estendendo os braços para o marquez, que, ao ouvir aquelle grito, se apeou do cavallo em que vinha montado e se dirigiu para a janella.

—Vem, meu adorado, vem livrar-me das garras do demónio, em que estou presa.

E elle admirado para todos os lados. Tinha-se então enganado! Corrijo não pertencia ao numero dos seus inimigos.

O marquez ia a dirigir uma pergunta á esposa porque era ella aquella que o chamava, mas não teve tempo para o fazer. Os creados do hotel accorriam sollicitos a abrir a porta.

Poucos minutos depois, D. Ramon de Saavreda e sua jovem esposa estavam nos braços um do outro.

—Quêdo estavas, alma da minha alma? perguntou elle, contemplando-a embevecido e affagando-a. Como pudeste estar tanto tempo separada de mim, sem me dares noticias tuas, sem me indicares que estavas no meu, no nosso castello?

—Perguntas de mais, meu amor, suspirou Ignéz, não devia, é verdade, consultar-me de ti, conservar-me afastada. Tua querida irmã, Carmela, ajudou-me a fugir do castello, e a occultar-me na casa d'um artista de Sevilha, onde não corria perigo, quando tea pae me ahi abandonou.

—Ahi fiquei durante muito tempo até que um sentimento irresistivel me impelliu a voltar á Saavreda, onde, como já deves saber, Carmela me recebeu de braços abertos, acolheu-me.

—Pelos jornaes soube da eryasão de meus desgraçados irmãos. Quis evitar que te acontecesse algum mal, e, por isso, não me recusei a segui-os, na noite em que elles assaltaram o castello, com o fim de te zombarem e assassinarem. Ao reconhecer-me, puzeram-me isso como condição essencial. Acceitei-a, para te livrar d'elles.

—E as manchas do sangue? perguntou Sherlock Holmes, que até então se conservára silencioso.

—Fizem-me de propósito, para me atemorizarem e assim tornarem mais ameaçadora a carta que já te encionavam dirigir a meu marido.

—Mas porque estiveste tanto tempo escondida no castello? perguntou D. Ramon de Saavreda, em tom de censura. Se me tivesses dito o que se passára durante aquella terrivel noite...

—Não devia fazê-lo, retorquiu Ignéz, lançando os braços em volta do pescoço do marido. E se tivesses

prometido á teu pae separares-te de mim para sempre, devia eu fazer com que não cumprisses a tua palavra? Não, o meu coração ordenava-me que procedesse assim. Devia ficar occulta.

—Minha adorada, meu amor! disse o marquez, apertando com ternura a esposa ao peito. Para onde te levaram os malditos?

—Sou eu quem responderá a essa pergunta, interveio a condessa Lauretta Firenze. Levaram-na para junto do mim.

—Para junto da senhora disse o marquez com um sorriso desdenhoso. Eu devia ter previsto que estava relacionada com esses bandidos!

—Não seja cruel, senhor! retorquiu Lauretta. Se eu estivesse aliada com esses pufifes, sua esposa não estaria aqui. Vim aqui espontaneamente.

—Espontaneamente? zombou o marquez. Diga isso a outra pessoa que não a mim. Só o receio de que tambem lhe puzessem a faca ao peito a levou a afeitar a mascara da generosidade. Foi realmente d'uma grande diplomacia, d'uma grande astucia, aproveitar a mulher e mais opportuna occasião para mostrar publicamente que nada tinha com os Trancas, com os quizes estava de ha annos mancomunada.

—Suppõe por acaso, condessa, que não sei que me queo atrahir á estalagem solitaria, quando eu não accedi aos seus desejos? Para isso, entendera-se com esses fouteiras que movavam nas cercanias do castello e já tinham, havia mafio, fama de criminosos incorrigíveis.

—Sim, é verdade, disse a condessa em tom altivo, porque seria que o não odiaria? Uma mulher humilhada! Pôde uma mulher perdoar áquelle que calou aos pés o seu amor? Não tinha o direito de o odiar? Que admira que o quizesse assassinar! Não me aliou, porém, com os Trancas. Ah! vem Olympio, a quem pôde perguntar como conheci os Trancas.

Os que ali estavam olharam para a estrada. O cocheiro avançava rapidamente em direcção ao hotel. O rosto vinha livido. Mal parecia poder acatar-se em pé.

Entrou e momentos depois batia á porta do apartamento onde se encontravam todos reunidos.

—Entrai ordenou a condessa.

E depois d'elle entrou.

Olympio, não fuste tu que ha tempos me apresentaste aos teus amigos e primos Mariano e Affonso e me pediste que lhes desse trabalho?

Olympio olhou em redor com expressão desvairada e respondeu em tom lamentoso:

—Sim, fui eu, sr.ª condessa, e oxalá nunca o tivesse feito. Meus primos sabem que D. Ramon e Ignéz estão aqui, que a sr.ª condessa a trouxe para a lançar nos braços do esposo, e ameaçaram-me da morte, entregando-me ao mesmo tempo esta carta.

E apresentava, todo tremulo, uma carta a Ignéz de Saavreda.

O marquez arrancou-l'ha da mão, rasgou o sobrecripto e leu em voz alta:

«Querida Ignéz

«Deves considerar-te feliz por te achares na companhia de teu marido, da qual não poderás gozar por muito tempo. E se n'este momento tal succede, é isso devido á falta de palavra da condessa Lauretta Firenze. Tambem os dois agentes de policia da que Dezelio nos fallou não hão de regozijar-se por terem feito gorar o nosso negocio e com o marquez, pois não somos tão parcos que vamos agora exigir-lhe o teu resgate.

«Com todos ajustaremos conta! Treme, Ignéz, por ti e pela vida de teu marido. Nada queres fazer para nos salvar, por isso não teremos compaixão nem de ti, nem da condessa Firenze. O primeiro a cair será D. Ramon de Saavreda. Que tome cuidado no dia de Santo Izidro!

Affonso, Mariano».

—No dia de Santo Izidro? perguntou Sherlock Holmes, quando o marquez acabou a leitura. O que querás isso dizer?

O marquez encolheu os hombros, sorrindo: —Não recibo ameaças, declarou elle. Não te assustes, Ignéz, tens o meu peito para te defender. Deixemos em paz a condessa Firenze, talvez ella se reconcilie com os irmãos Trancas. Não queremos incommodar a mais.

E sem se dignar offeír sequer para Lauretta, que, pallida como a morte, se encostava ao espaldar d'uma poltrona, D. Ramon, sem lhe dirigir sequer uma palavra de agradecimento, saiu, acompanhado da esposa e de Sherlock Holmes e Harry Taxon.

Ordenou que lhe arranjasse uma carruagem, na qual, d'ahi a pouco, tomou lugar com Ignéz e os seus amigos, seguindo á toda a velocidade para o castello.

O dia de Santo Izidro tem alguma coisa de particular para o sr. marquez? perguntou Sherlock Holmes no caminho, pois não lhe esqueciam as ultimas palavras da carta que ouvira ler.

—N'esse dia, que Madrid festeja ruidosamente, tomarei parte nas corridas, como costumei fazer, respondeu D. Ramon de Saavreda.

—Não, agora não, meu querido, disse Ignéz, pagando a vida das mãos do esposo e apertando-a com ternura entre as suas, agora não. Não irás n'esse dia a Madrid.

—Tenha de ir, meu amor, pois me comprometti e o meu nome figura no programma. Todos os jornaes

teem fallado em mim, não posso faltar á minha palavra.

—N'esse caso, irei contigo a Madrid, volveu Ignéz em tom resolutivo. Quero ficar junto de ti, pois receio que meus irmãos executem a sua terrivel ameaça.

—Está bem, Ignéz, disse o marquez, commovido, hoje comigo e verás que nenhum mal nos succede. Irás, porém, ficaremos no castello, por causa de Carmella, que tem jus ao meu profundo reconhecimento, e que sentirá a maior alegria ao apertar te nos braços.

—Nós seguimos para Madrid, sr. marquez, disse Sherlock Holmes, olhando para Harry Taxon. A nossa missão aqui está terminada e compartilhando dos rebois de sua esposa. Recuo que os Trancas vão a caminho da capital e eu me entenderei com o chefe superior da policia para nos haverem com elles.

O carro chegava n'esse momento ao castello. Harry e Sherlock Holmes despediram-se dos dois felizes esposos e dirigiram-se, na carruagem, para a estação mais proxima.

CAPITULO VIII

Em viagem para Madrid

—Que te parece, Harry? perguntou Ignéz.

Esta pergunta era feita no comboio, que conduzia á velocidade de sessenta kilometros á hora para a capital de Hespanha, o celebre criminalista e o seu fiel ajudante.

—Que hei de dizer sr. Holmes? Não sei a que propozeste me interessar.

—A proposito de tudo o que esta noite se passou. Compreendeste bem?

—Perfeitamente.

—Vamos então resumir em poucas palavras a situação? O marquez casou com uma nobre menina que tem a infelicidade de ter por irmãos dois bandidos, dos piores que ha em Hespanha. Estes querem explorar o emulho e como este se não deixa tosquiar como um carneiro vivo agora pregar-lhe partida. Como obviar a isso?

—Oral O sr. Holmes com certeza encontrará meio de lhes attalhar as vazas.

—Sim, espero conseguir alguma coisa, mas deves lembrar-te, meu rapaz, que estamos n'uma terra extranha e que, aqui, não disponho dos recursos de que posso lançar mão em Londres.

—Para o mestre nunca ha difficuldades.

—Lisonjeias-me, Harry.

—Digo á verdade, sr. Holmes.

—Olha que os bandidos hespanhoes são diferentes dos nossos compatriotas.

—Os bandidos são sempre bandidos, quer sejam hespanhoes, quer sejam inglezes.

—Bem dito, meu rapaz, mas ha uma pequena differença.

—Qual, sr. Holmes?

—E' que em Inglaterra conhecemos o terreno palmo a palmo, ao passo que aqui camilhamos um tanto ou quanto ao acaso.

—O que não impede que em poucas horas o sr. Holmes tenha descoberto o que nem toda a policia de Hespanha seria capaz de descobrir n'um anno. Já vê que esta difficuldade desapareceu?

E Harry Taxen acrescentou, após uma pequena pausa:

—O sr. Holmes conhecia os dois bandidos?

—Não, mas ouvira já fallar nas suas proezas.

Como disse ao Marquez, logo que chegarmos a Madrid, te-nos-lhe entender com o chefe superior da policia e tenho a esperanca de que conseguiremos havel-os ás mãos. Temos realiado capturas mais difficilias.

—Mas não tão arriscadas:

—Porque?

—Porque estes hespanhoes são sempre sanguinarios. Lembra-se de que já aqui nos succedem, quando viamos a Hespanha por causa do roubo de um quadro.

—Ficaram-te recordações desagradaveis d'essa aventura?

—Desagradaveis, não direi, mas tambem pouco agradaveis. O que é facto é que receio um pouco pelo sr. Holmes. Os hespanhoes tem a mão leve e os cuchillos compridos.

—Contra os cuchillos ha o revolver, meu rapaz, que acerta sempre no alvo e que é um pouco para temer. Deixemos, porém, isso, e vamos combinar o nosso plano...

O comboio parava n'esse momento n'uma estação. A portinhola da carruagem em que o criminalista ia abria-se com estrepido, dando passagem a dois individuos vestidos elegantemente e que pareciam verdadeiros *gentlemen*.

Sherlock Holmes trocou um olhar com Harry.

Momentos deocorridos, o comboio punha-se de novo em movimento.

Os que haviam entrado começaram conversando, em hespanhol, com grande animação, fallando em corridas, theatros, n'ellas mil coisas que preoccupam os frivolos e os ociosos. Os seus olhares, porém, não deixavam de se fixar de revez em Sherlock Holmes e Harry, como que tentando fixar-lhes bem as physionomias ao querendo reconhecer algum a quem já tinham visto.

Com um bater de palpebras, tão rapido que elles

o não podiam perceber, Sherlock Holmes indicou a Harry o que devia fazer.

E o mancobo comprehendeu-o, porque, puxando o bonnet de viagem para os olhos, recostou-se nas almofadas e fingiu adormecer profundamente.

Os dois elegantes trocaram tambem um olhar. Em seguida, um d'elles, puxando por uma charuteira, dirigia-se a Sherlock Holmes e, com a maior amabilidade:

—Um charuto, meu caro senhor?

A pergunta convite fôr dirigida em hespanhol.

O criminalista respondeu em francez puro, sem o mais leve acento inglez, fingindo ignorar o castelhano:

—Muito obrigado, não fumo charuto.

No rosto dos dois elegantes transporeu certa estupefacção. Parecia terem operado ouvir outra lingua e a resposta desmorteatou-os.

Um, o mais alto e cuja physionomia tinha o sen que de sinistro, volveu n'uma mistura de hespanhol e francez:

—Aceite, que nos dará grande prazer.

—Agradeço, mas disse, e repito, nunca fumo charuto. Apenas fumo cachimbo.

Novo olhar se trocou entre os dois homens.

Depois, o que já fallára, tomou de novo a palavra:

—São francezes?

—Sim, senhor.

—Em viagem de negocios?

—Não, viájamus para nos divertirmos, para vêmos paizes novos. E a Hespanha é muito curiosa, muito.

—O seu companheiro dorme a sono solto.

—E' o privilegio da mocidade.

O fumo dos charutos que os dois elegantes tinham accendido ia-se condensando em nuvens expensas no compartimento.

Sherlock Holmes, pedindo venia com um gracioso sorriso, tirou o seu cachimbo do bolso, atubou-o de tabaco e accendeu-o, envolvendo-se de principio, n'uma densa fumarada.

Por detrás d'esse fumo, o olhar brilhava-lhe e fitou-se em Harry.

Apesar d'esse estar ou fingir estar a dormir, um ligeiro movimento, que aos dois viajantes passou despercebido, indicava que o olhar fôra comprehendido.

De subito, um dos viajantes levantou-se.

—Sufocava aqui, com tanto fumo, Se me dá licença, vou abrir as janelas do vagon.

—Pois não!

Passando por deante do criminalista, fôr abrir realmente uma das janelas.

Mas em vez de voltar a sentar-se no logar que anteriormente occupava ficou junto da janella, ao passo

que o seu companheiro, como que insensivelmente, se aproximava de Sherlock Holmes.

O criminalista estava assim entre os dois, que trocavam novo olhar.

—Tencionam demorar-se muito em Hespanha?

—Não sabemos ainda. Conforme o que aqui virmos.

Somos livres, independentes, e demoramo-nos onde nos apraz.

—São então muito ricos?

—Eu, não, o meu companheiro, esse, é riquissimo.

—Ah!

Aquella exclamação fôra proferida pelo que estava junto da janella, e que tambem como que insensivelmente, mais se aproximou do criminalista.

Sherlock Holmes fingia não dar por coisa alguma.

—Pois em Hespanha, com pesar o digo, visto ser hespanhol, é preciso muito cuidado quando se viaja, principalmente quando se é rico e que, como é natural, se trazem grandes quantias.

—Ha então muitos gatinhos?

—Salteadores, meu caro senhor, que são peores do que gatinhos.

—Não temos medo.

—Porque?

—Porque vimos bem armados e, em regra geral, os salteadores nada querem com homens resolutos. Ora tanto o meu companheiro como eu pressummo-nos de o ser.

—Não duvido, mas permita-me que o aconselhe a que tenha cuidado.

—Torrou-se-me sympathico e entendo do meu dever dar-lhe esta indicação.

—Agradeço-lhe, mas ando sempre prevenido e sei já difficil cair n'uma cilada.

Parece-lhe isso?

—Tenho a certeza.

—Oh, oh! E' affiançar muito.

—Não, e posso dar-lhe uma prova.

—Qual?

—A de que, n'este momento, algum trata de nos armar casa cilada a que se referiu, mas que nada conseguirá.

—Parace-lhe?

—Não! Não me parece, mas tenho absoluta certeza de que nada conseguirá.

—Como o sabe?

—Soubo-o logo que vi entrar no meu compartimento dois cavalheiros muito elegantemente vestidos, mas que conheço muito bem e que sei serem uns bandidos eméritos, os irmãos Trancas.

Foi como que uma mutação á vista. Os dois salteadores, pois eram elles realmente, esgueiraram-se d'um pulo e precipitaram-se, de navalha em punho, sobre Sherlock Holmes.

Nas mãos do criminalista, porém, dois revolvers appareceram, assietados contra os assaltantes.

E Harry, que parecia adormecido profundamente, ergueu-se tambem empunhando dois revolvers.

—Ah, ah! zombeteou o criminalista, não esperavam por esta, não é verdade?

Os dois bandidos tinham recuado para junto das janelas do vagon.

Nos rostos, que tinham tomado uma expressão feroz, lia-se uma profunda decepção.

—São os inglezes! exclamaram elles simultaneamente.

—Sim, somos os inglezes, respondeu o criminalista, e não nos apazaramos desprovidos.

Com uma das mãos, cada um dos bandidos, por detrás das costas, tratou de abrir a portinhola do vagon.

De subito, de ambos os lados as portinholas abriram-se e os dois bandidos desapareceram na escuridão, não sem antes terem proferido um tom de ameaça:

—Até á vista!

—Até á vista! respondeu o criminalista. E desejei-lhes melhor sorte do que a que agora tiveram.

Harry ia precipitar-se para uma das janelas do vagon.

—Não faças tal, Harry, exclamou Sherlock Holmes, pois facilmente te poderás anvalhar do lado de fóra, sem que os vejas.

—Para que os deixes fugir, mestre?

—Porque assim convem aos meus paizes.

—Não comprehendo. Temos em seu poder e deixa-os fugir!

—E's uma criança, Harry. Quero salvar o Marquez e sua esposa, livral-os para sempre d'esses malvados. Aqui, a lucta ia ser difficil, pois elles se defenderiam como feras. E quem te diz que não tinham complices no palacio do condeboi?

—Sim, tem razão, sr. Holmes.

—E, em tal caso, quando chamássemos, quando dessemos o signal de alarme, em vez de dois, teriamos que nos bater com um bando inteiro de salteadores.

—Repito: tem razão, como sempre, mestre.

—Deixa-os ir. Prometto-te que em breves dias nos cairão nas mãos. E deixa-me felicitar-te, meu rapaz.

Representaste o teu papel maravilhosamente.

—O que não era difficil, visto as suas ordens serem claras. O que me admira é como o sr. Holmes os conheceu logo que elles entraram. Por mim, confesso-o, nunca teria pensado em que fôsem os irmãos Trancas.

—Eaqueles te de que já os tinha visto e que para mim é sufficiente vêr uma vez uma physionomia para nunca mais a esquecer. Por isso, te fiz signal para que fingisses adormecer. Esperava scena semelhante á que se deu.

Harry ia fallar quando, n'esse momento, o comboio parou.

Tinhão entrado na estação de Madrid.

CAPITULO IX

Infamia frustrada

Radiante e lindo, apparece o dia de Santo Edoardo, padroeiro da capital de Hespanha. Já na véspera,

Madrid regorizava de forasteiros que vinham assistir aos festejos e jogos e divertimentos que se annunciavam delectantes.

Desde manhã até á noite ouvia-se musica em todas as praças, dançava-se, jogava-se, havia corridas de touros e de cavallos.

A concurrencia era numerosa, como havia muitos annos se não vira, pois D. Ramon de Saavedra, o mais celebre cavalleiro de Hespanha, tomava parte nas corridas. Faziam-se grandes apostas. A aristocracia accorria em grande numero não faltando em todos os logares representados de todas as classes sociais, ansiosos por applaudirem o Marquez de Saavedra.

Despertavam a attenção dois homens que envergavam elegantes trajos sportivos. Um d'elles era um homem delgado e musculoso, que devia ter os seus trinta annos, e o companheiro um rapaz que devia andar pelos seus dezovos annos. Pareciam filhos de Albion. Estavam juntos da barreira das esplendidas equipagens e carros que tinham conduzido as mais bellas damas.

Os dois homens divertiam-se com a vivacidade das mulheres, com os brilhantes trajes dos cavalleiros e com o aspecto do vasto recinto.

— Lá está elle, Harry, disse o mais delgado, em quem decerto os leitores reconheceram já Sherlock Holmes.

— Vés acollá aquella trigueira, que ha pouco se inclinou para o tenente da guarda? É a condessa Lanretta Firenze.

— É verdade, mestre, concordou Harry. Estão reunidos todos os conjurados que hontem á noite vimos no palacio da condessa Firenze. Não ha duvida de que se preparam para levantar tumulto quando o Marquez correr.

— É verdade, onde está D. Ramon? Ainda não o vi, como tambem não vi sua esposa, no banco que o viu. Mas ellas devem estar nas tribunas, ao lado que o Marquez se deve ter dirigido para as cavalleiras. Creio que é tempo de tambem para ahi nos empunhamos.

— Como vê, o tenente Henrique Ibanex, amante da condessa, despediu-se já dos amigos para lá se dirigir. É o rival do nosso amigo D. Ramon. Os dois jockeys seguem-se. Esses patetas tem receio de que os notem e tem razão, pois apesar da sua apparencia ninguém diria que são jockeys. E nós sabemos perfeitamente o que d'ellos ha a esperar.

Sherlock Holmes e Harry dirigiram-se para as cavalleiras, que se viam abitas de cavallos esculpidos. Comprimam-se ali muitos amadores e jockeys em volta dos animaes que já tinham corrido e dos que estavam para correr. Os magnificos cavallos de D. Ramon de Saavedra e de seu rival Ibanex estavam n'um compartimento separado. Enquanto no restante se comprinha o publico, ali só se viam, além do tenente, dos jockeys e dos creoulos do Marquez, alguns officiaes que admiravam os bellos animaes que iam disputar a victoria.

O Marquez não estava ahi, como Sherlock Holmes e Harry tiveram occasião de verificar. Apenas os seus creoulos, sellando os cavallos, os conduzia para a porta, esperando com impaciencia que o amo apparecesse, pois ali a minutos seria dado o signal da partida.

É o Marquez não apparecia.

Os dois policias amadores notaram que o tenente Ibanex e os dois jockeys se achavam junto da divisoria, fallando me segredo. Um d'elles mostrava ao tenente o que quer que era, que segurava na mão esquerda, respondendo o official com um gesto de approvação.

Enquanto um d'elles levava para fora do cavalleiro o cavallo ostendo do tenente, o que conversava com Ibanex dirigiu-se para o logar onde se encontrava o cavallo de D. Ramon e collocara o objecto que tinha na mão sob a sella.

Sherlock Holmes e Harry Taxon iam dirigirse para o logar onde aquella scena se passava, a fim de verificar do que se tratava, quando um brado do polo creado que pouco antes apparelhou o animal fez com que o jockey corresse precipitadamente, levando o animal, para dentro da cavalleira.

Correram atraz d'elle, mas não foi possível encontral-o, nem saber o que tinha feito.

— Aqui anda patifaria grossa, disse o celebre criminalista. Qualquer coisa que se tramou contra o Marquez. O que seria?

— É facil averiguar. Vamos ter com D. Ramon contemos-lhe o que se passou e talvez assim possamos saber o que foi.

Sim, tens razão, meu rapaz, mas chegaremos a tempo? O Marquez não deve montar a cavallo, porque com certeza corre grande perigo.

Dirigiram-se para a porta da cavalleira. Encontraram-na fechada. Propriedadissima?

Não sabiam.

Tirando do bolso a chave de sua invenção, do que sempre andava munido, Sherlock Holmes conseguiu abri-la, mas tinha perdido um tempo precioso e quando pôde chegar junto da pista era tarde. O clatter acabava de agitar a bandeira vermelha, dando o signal da partida.

Gritaram ao Marquez que não cavalgasse, mas, no meio do borborinho que se levantara, elle não os ouviu, e os animaes partiram.

— Alot alot! bradou ainda Serlock Holmes, já na pista.

Mas foi balardo.

Os animaes, impacientes, não se continham, e D. Ramon, tendo em mira apenas a victoria sobre o seu rival, não ligou importancia á prevenção que lhe era feita.

Incolou-se para a frente, a fim de poder auxiliar mais o cavallo. Mas o primeiro arranco do animal fez-o voltar a sella e des-se então uma coisa horrorosa, completamente inesperada.

O cavallo empinou-se, parecendo no primeiro momento que cavalleiro e cavallo viriam a terra, mas, dando um salto prodigioso para a barreira, o animal foi cahir no meio dos espectadores.

Ouviu-se um grito saído de milhares de bocas.

O cavallo agitava-se furiosamente, lançando a um lado e outro as patas, com que furiosamente accitava o ar.

O pânico apoderou-se de todos os que ali estavam. Fugiam desordenadamente e havia já muitos feridos. Não se sabia bem a que ponto atingira o desastre, se o cavalleiro, com o maior sangramento, não puzesse com força pelas redoes, que lhe ficaram na mão.

O Marquez de Saavedra desmontou d'um pulo e tirando um panhal do bolso d'um só golpe cortou a sella e tirou-a.

Do lombo do magnifico animal corria um fio abundante de sangue. Todos os que proximo estavam ficaram estupefactos, cheios de assombro e de raiva, que não criminosos collocára um agudo ferro por debaixo da sella, ferro que, com o peso do cavalleiro, se enterrára profundamente no lombo do animal, causando-lhe dores horrorosas.

O pobre animal, completamente inutilizado pelo ferimento, caiu por terra.

D. Ramon, oucos d'uma pistola e disparou lhe um tiro n'um ouvido, pouco assim fim ao seu horroroso soffimento.

O terror e a angustia que se tinham apoderado de todos desaparecem como que por encanto.

A multidão pediu em altos gritos o castigo dos criminosos que tal barbaridade tinham commettido.

— Punha os miseraveis, matem esses bestes feras! Ao cadafalso com os covardes! clamavam milha-

res de vozes enfiadas, ao mesmo tempo que se agitavam punhos fechados, em attitude ameaçadora.

Os ocharos tinham convergido, na occasião em que o cavallo dera o salto para a barreira, para os dois jockeys, cujas physionomias exprimiam uma alegria satânica, enquanto os rostos de todos os circumstantes manifestavam temor e recio.

Pareciam não notar que se tornaram de repente alvo da attenção geral, assim como, apparentemente, nada pareciam reciar dos dois homens que os tinham observado enquanto estavam nas cavalleiras, onde ainda os suppunham.

Grande foi, pois, a sua estupefacção ao sentirem-se agarrar por musculos poderosos e virem se deitados por terra.

— Indivizível foi o seu espanto ao virem que Sherlock Holmes e Harry Taxon, com um joelho no peito de cada um d'elles, gritavam para os espectadores:

— Poram estes bandidos, os irmãos Trancas, os actores da catastrophe. Aqui os toem, esses bandidos celebres.

Milhares de braços se ergueram ameaçadores para os esquarterarem. A muito custo, a policia, que accorreu, conseguiu livral-os da furia popular, levando-os bem seguros e no meio de numerosa escolta para fora do recinto das corridas.

O Marquez de Saavedra abria caminho atravez da multidão, dirigido-se ao celebre criminalista, a quem exprimiu em voz alta o seu profundo e eterno reconhecimento, declarando que só Sherlock Holmes e Harry Taxon poderiam livrar Madrid do flagello dos irmãos Trancas.

A noticia da presenca do grande criminalista inglez propagou-se com a rapidez do raio e tanto elle como Harry Taxon foram levados em triumpho pelos hespanhoes, entusiasmados, até á carruagem do Marquez, onde tomaram logar juntamente com a Marquez e com a condessa Cornella.

Os jornaes da tarde davam a noticia da prisão dos dois bandidos e descreviam a plano forjado pela condessa Lauretta Firenze, pelo tenente Henrique Ibanex e pelos irmãos Trancas para matarem D. Ramon Saavedra, a morte de que salvaria a sua raia perlois e que, a dar-se, teria causado tambem a morte de numerosos espectadores.

A condessa e Ibanex tinham sido presos.

O valor, coragem e fidelidade de Sherlock Holmes e Harry Taxon era exaltado com palavras eno-

mias.

a aventura que lhes succedera no comboio, quando tinham ido para Madrid.

A marquez estava mais encantadora ainda, pois um vên de suave melancolia lhe ensonbrava o rosto. Não podia esquecer que Mariano e Affonso eram seus irmãos!

O castigo dos criminosos não se fez esperar. Affonso e Mariano Trancas, assim como Lauretta Ferreira e o tenente Henrique Ibanez expiaram no castello os seus crimes.

Sherlock Holmes e o seu fiel ajudante foram passar uns dias no castello de Saavedra, convidados pelo marquez, que, em companhia de sua esposa, de sua irmã e de alguns amigos intimos, era o homem mais feliz da terra.

E tiveram um successo quando narraram, com a modestia que era proverbial no grande criminalista,

Sherlock Holmes e Harry Taxon passaram uns quinze dias no castello, depois do que regressaram a Inglaterra, conservando sempre bem vivas as recordações da encantadora Hespanha, onde tantos dias de felicidade tinham passado junto dos seus bons amigos.

FIM

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologiques

(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nos suas diversas manifestações, regas, rege e regerá pacientemente o mundo. Provamento o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nossa vida contemporânea.

E todas as aberrações a que as paixões desvairadas conduzem os humanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologiques que subordinaou ao titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos que os vícios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achase-se publicado o primeiro volume:

O Feticchista

Deveria seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade os seguintes, já na prelo:

- De Invertidos
- De Hermaphroditos
- De Hysterica
- De Flagellantes, etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel.

♦ REIS ♦

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

— por Victorien du Soudry

1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS

O conquistador de cristas

Um grande volume com capa artistica e ornamental gravado

300

RENÉ EMERY
S.^{ta} Maria Magdalena
Requiem das lèmpes biblicas
I A Paschoa de Formosa—
II Chammas de voluptuosidade—
III Moab, terra da luxuria—
IV Pela senda do amor—
V Dejo supremo
1 vol. est. em 8.^o com artistica capa
a 8 réis 700 rs.

PODE SE CONQUISTAREM MULHERES
O Consolho a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

— por L. C. Kuntien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8.^o

♦ ♦ ♦ 300 Rs. ♦ ♦ ♦

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| 1 Crimes no palacio | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perra | 19 Resposta de Jackson |
| 3 Evasio d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock |
| 5 Calvario d'um assassino | |
| 6 Um attentado terrorista | 22 Mulheres policias |
| 7 A crendida marryer | 23 Um milhão de francos |
| 8 Resgate sanguinario | 24 Tratado de um Yankee |
| 9 A filha suicida | 25 Coração torturado |
| 10 Um d'ama nas nuvens | 26 O quarto dos mortos |
| 11 Junto da quinta | 27 A Culpea certa |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 28 O segredo do conde |
| 13 O do policia | 29 Tragado pela aria |
| 14 O esqueleto vivo | 30 A devota dos bandidos |
| 15 Bandidos de casaca | 31 Os mysterios de Chicago |
| 16 A racha da apaches | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 17 Duas facanhas notaveis | 33 Por seguir uma mulher |
| | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.800 rs.

REIS

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

c + photographuras de pagina + 3

— 1 volume illustrado 400 rs. — 600 reis

Collección Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais

sensacionais novidades litterarias estrangeiras —

Volumes publicados

1. Arsene Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Eg.) 1. 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tervand. 3. O famulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsene Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, G. G. 6. O Prisioneiro de Marie, G. G. 7. O Club dos Ladroses, Henry A. Bernig. 8. A Agulha de ouro, (Novas aventuras de Arsene Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Camião do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policia. 13. O. G. G. 14. A Sierra dos vampiros, G. Le Rouge. 15. O Pirata de Ferro, Max Prodron. 16. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras Paul d'Ivoi. 17. Kowa, a mysteriosa por Ch. Poley. 17. 18. (Novas aventuras de Arsene Lupin), por M. Leblanc. 19. R. R. 20. Farias, por Henri de Regnier. 21. O Palco submarino, por Max Fimbert. 22. Um crime tenebroso, por A. Galigny. 23. A sumbra mysteriosa, por Fergus Hume.

Cada vol. in-4.^o, contendo a materia de um

350 rs. ccc grosso vol. in-8.^o, de 300 dds rs. 350

Ver no proximo numero:

O mysterio da Avenida Madison

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

A MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um, grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

Empresa LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23, Lisboa

TRABALHOS typographi-
cos em todos os generos

Especialidade em impressão
a cores pelo processo da
TRICROMIA

Jornaes, Revistas illustradas
Minutas, Catalogos, etc. etc.

ENCADERNAÇÕES em todos

os generos

Preços modicos

Telephone n.º 1:302

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magníficas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimido d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual vem attendo de facto é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um attento de 3 em 3 minutos; onde um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caça aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14. O homem da mão de ebano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casmio de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinês. 24. A casa dos sete demonios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demonios do Oriente. 28. Descida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDER

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8º grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700